



# A corrente da vida

Walcyr Carrasco



**MODERNA**



WALCYR CARRASCO

A corrente da vida







## 1. Amigo, nome e apelido

Chamava-se Nelson. Mas ainda me lembro dele pelo apelido: Nel. Ele não gostava muito, é verdade. Achava estranho. Reclamava que seu nome estava sendo cortado pela metade.

— Nome é nome — dizia. — É como se fosse a marca registrada da gente.

Eu brincava. Respondia que existem pessoas com nomes pavorosos, e preferem mudar. Ele não se abalava.

— Cada caso é um caso, cada pessoa tem sua cabeça — teimava. — Gosto de ser Nelson. É o nome do meu pai.

Em seguida ficava de um jeito triste, pois o pai morrera há muito tempo. Nem se lembrava bem como ele era.

Mas por que estou falando tudo isso? Talvez porque sempre seja tão bom me lembrar de Nel, ou Nelson, como ele preferia. Dos momentos bonitos que vivemos juntos. Repare: eu não estou falando de acontecimentos felizes, absolutamente felizes. As pessoas valorizam apenas a alegria, como se a tristeza não tivesse sua importância. Claro que é bom estar contente. Dar boas risadas, se divertir. Mas o ser humano não é um robô programado para dar risadas o tempo todo. Não! A gente tem tristezas, melancolias, horas de sofrimento e ansiedade. Tudo faz parte da vida.

Quando a tristeza chega, não acho que a gente deva fugir dela. Contar piadas para disfarçar. Tentar esquecer. Eu aprendi a viver a tristeza como se vive a alegria. Enfrentar as dificuldades têm uma beleza que nem dá pra explicar com simples palavras. Deixar o sentimento brotar como água da fonte. Chorar e aceitar que nem tudo na vida é como se quer, traz um alívio. Um sentimento de

realização que é um tipo de felicidade. Por isso quero falar de Nel, de Nelson. Neo. New. Neo. Eu brincava tanto com seu nome, e escrevia de tantas maneiras!

É assim que vou começar. Falando dele. Contando o quanto foi importante na minha vida.

Tudo começou de forma tão casual! Até hoje me espanto quando lembro a maneira como as coisas foram acontecendo, uma depois da outra. Na escola, estávamos na mesma turma. Gostava de fazer trabalhos em grupo com ele. Tinha quem dissesse que éramos namorados. Nunca fomos, realmente. Nem sei se eu sonhava com isso. Nossa amizade foi nascendo sem compromisso. Era o tipo de amizade que às vezes acontece entre uma garota e um rapaz. Conversávamos sobre tudo, como dois amigos. Não nos víamos todos os dias porque Nel morava um pouco longe do meu prédio.

Há pouco tempo, meus pais realizaram seu grande sonho: comprar um apartamento. Quer dizer, fizeram a dívida. Depois de anos de economia, conseguiram dar a entrada neste pequeno apartamento onde moramos. O resto está sendo pago em prestações, e, às vezes, atravessamos o mês na corda bamba! Só para dar uma ideia, estamos até sem telefone, para economizar na conta. Mas também é a primeira vez que tenho um quarto só para mim. Armário embutido para minhas roupas. Escrivaninha para fazer as lições. Onde morávamos antes, era bem mais apertado. A única mesa disponível no quarto e sala ficava na cozinha. Bem... nem era bem uma cozinha. Parecia um corredor, com o fogão e a pia de um lado, e a mesinha de fórmica do outro. Muitas vezes era obrigada a estudar com mamãe fritando peixe.

Agora, sou obrigada a pegar duas conduções para chegar na escola. Meus pais até pensaram em me transferir de colégio. Não quis. Gosto da turma. E também da escola. Entrar em faculdade hoje em dia não é fácil. Principalmente as públicas. Acho bom continuar perto dos professores em quem confio.

Puxa, eu escrevo, escrevo e pareço estar dando voltas como um redemoinho. Só falei do apartamento para explicar que morava longe de Nel. Quando ele faltou três dias seguidos na aula, não fui correndo saber o que acontecia. Como disse, estamos sem telefone.

O único aparelho público perto do meu prédio vive quebrado. Há uma turma de vândalos no meu bairro que tem prazer em destruir os aparelhos. Arrancar os fios. Não sei o que passa na cabeça dessa gente. Cada vez que são consertados, duram uma semana. Alguém quebra de novo. Dá até raiva. Acho uma bobagem, para que destruir um telefone? Só prejudica gente como eu, que precisa ligar para alguém e não tem onde.

Comecei a ficar preocupada quando ele faltou no quarto dia. Conversei com o Marcelo, que morava perto da casa dele. Os dois sempre vinham juntos para a escola. Também não sabia de nada. Até brincou.

— O Nel já está numa legal, foi bem o ano todo. Pode se dar ao luxo de faltar.

Não concordei. Faltar por faltar? Não combinava com o Nel. Ele queria rachar direto até a época da faculdade. Queria entrar em Medicina. Justamente, um dos cursos com mais candidatos. Combinamos que Marcelo passaria na casa dele. Saber notícias.

No dia seguinte, chegou com a novidade:

— O Nel está doente.

— Doente, como?

— Não sei. Falei com a avó dele, que está passando uns dias com a família. Parece que foi parar no hospital.

Hospital é o tipo de palavra que deixa a gente assustada. Seria uma operação? Meu amigo no hospital. E eu sem visitar, nem nada? Mais esquisito ainda, Marcelo não tinha descoberto o nome do hospital.

— A avó dele disse que não sabia qual era.

Isso sim, era ainda mais estranho! Eu conhecia a avó, dona Berta. Era esperta. Como não ia saber o nome? E a mãe do Nel, dona Mariana? Claro que teria deixado um endereço, um telefone. Francamente, tudo parecia cada vez mais estranho. Alguma coisa não combinava. Muitas vezes, tive essa sensação. É como se uma espécie de fumaça flutuasse dentro da gente. O peito fica apertado. Tento entender, mas não consigo, porque é impossível pegar a fumaça na mão. Olhar. Descobrir. Fica somente a inquietação. Foi meu primeiro sentimento. Eu sabia que alguma coisa estava errada.

Eu e Marcelo conversamos mais um pouco.

— Quem sabe dona Berta confundiu o nome do hospital, e não soube dizer.

Não concordei.

— Se tivesse confundido, teria dito um nome errado. Talvez até parecido com algum que conhecemos.

Lembrei. Nel tinha uma irmã casada. Uma vez, ele tinha me dado o telefone dela. Quando cheguei no meu apartamento, procurei. Tenho mania de anotar telefones nas capas dos cadernos. Depois, misturo todos. Fica uma confusão! Mas sim... eu lembrava. Tinha anotado o telefone dela antes das férias de julho. Quando liguei para pegar a receita de um bolo de fubá para a quermesse. Então não estava em um caderno comum. Mas em outro, que eu uso só para marcar receitas. Um dia ainda serei uma grande cozinheira, mas isso é outra história! Finalmente, achei, bem no meio da pilha.

Esperei o dia seguinte. Torci para que Nel aparecesse na aula. Mas não. Era o quinto dia de falta! Na escola, há um telefone público. O Marcelo tinha um cartão. Ligamos. Foi ela mesma quem atendeu. Suzana, a irmã. Perguntei o que ele tinha. Ela fez voz de surpresa.

— Quem disse que o Nel está doente?

Falei da ida de Marcelo à casa dele. Da conversa com a avó, dona Berta. A irmã ficou em silêncio. Demorou tanto que eu disse:

— Alô, alô!

Certa de que a ligação tinha caído! Mas não. Ela estava lá, do outro lado. Absolutamente quieta. Quando finalmente falou, sua voz parecia esquisita. De repente, estava tentando ser muito simpática. Só que era uma simpatia esquisita, porque falava depressa, com um tom de voz metálico, como se a garganta estivesse rangendo.

— Foi só uma gripe forte. Nada sério.

Estava preparada para ouvir falar de apendicite. De alguma coisa assim. Mas gripe?

— Ninguém vai pro hospital por causa de gripe!

Ou será que ia? Fiquei em dúvida. Ela silenciou novamente. Depois de um instante, voltou a falar depressa.

— É que ele pegou friagem. A gripe virou pneumonia. Já está passando. Não é nada.

Pedi o nome do hospital. Queria tanto fazer uma visita. Quem sabe levar um pedaço de bolo, feito por mim mesma! Estava disposta a passar o resto do dia no fogão, para fazer um bem gostoso! Mas nesse instante, tudo ficou ainda mais esquisito. Suzana demorou ainda mais para responder. Finalmente, explicou:

— Ele não pode receber visitas.

— Por que, se não é nada sério?

Posso ter pouca experiência. Boba não sou. Tive certeza de que estava acontecendo alguma coisa horrível. Bem pior do que ela estava querendo contar.

— Por favor, me diz o nome do hospital! — insisti.

Ela continuou falando que não era necessário. Explicando que estava tudo bem, e eu não precisava visitar. Percebi que estava sendo enrolada. A língua dela parecia uma enorme toalha me envolvendo, me confundindo. Quis argumentar. Ela não deixou. Falava, falava, falava, sem me dar chance de responder. Os créditos do cartão foram acabando. A ligação caiu. Por um instante, fiquei paralisada. Olhei para o Marcelo. Só tinha uma certeza: era alguma coisa grave.

Dias depois, o Marcelo descobriu que Nel tinha voltado para casa. Tentamos telefonar. Atendeu a mãe, dona Mariana. Foi muito, muito simpática. Mas parecia determinada a impedir que a gente fizesse uma visita. Insisti, várias vezes. Teimeei.

— O Nel está muito cansado. Tem que repousar. Não pode se cansar com visitas — ela repetia, a cada um dos meus argumentos.

Era óbvio: nenhuma visita seria bem-vinda. A gente nem passaria da porta.

Os dias foram passando e Nel não voltava para a escola. Eu e o Marcelo, que nunca fomos muito amigos, passamos a conversar mais. Muitas vezes, a gente ficava todo o intervalo tentando descobrir a verdade dos fatos. Formulamos hipóteses. Mas é claro, por pior que fossem, a gente estava muito longe de descobrir a verdade. Fomos procurar o professor Ismael. O Nel e o professor tinham uma certa amizade, gostavam de bater papo. Ele sorriu.



Disse que já andava preocupado com o sumiço. Tinha procurado saber notícias.

— Foi só estafa. Ele andou estudando muito porque quer tentar uma bolsa de estudos.

Marcelo abriu a boca. Pronto para perguntar se era gripe, pneumonia ou estafa. Cada um dava uma versão! Sorri como se estivesse tudo esclarecido. Agradei. Puxei o Marcelo pela mão. Foi engraçado. Quando toquei seus dedos, ele puxou o braço. Surpreso, como se eu tivesse tido um gesto extravagante. Andamos até a esquina.

— Por que você não me deixou perguntar? — ele reclamou.

— O professor Ismael também está escondendo alguma coisa — respondi.

Expliquei meu raciocínio:

— Se foi só estafa, por que não podemos visitar? Além do mais, ele não ia sumir completamente, só porque está estudando.

— Será que não fugiu de casa? — refletiu Marcelo.

Era uma possibilidade. Mas quem tinha vontade de morar sozinho era o Marcelo, não o Nel. Todo mundo sabia disso. Sempre dizia:

— Mal posso esperar para estar trabalhando e ter minha vida!

Eu mesma não entendia porque tanto desejo de ser independente! Hoje, eu sei qual era o seu segredo. Mas isso é outra história. Não vou falar dele agora, para não me confundir. Na hora certa, eu conto. Quando falar de tudo que foi acontecendo, os fatos virão por si mesmo. O que quero dizer agora é que o Marcelo tinha o hábito de ver tudo através do seu próprio ponto de vista. Para ele, era lógico que o Nel fugisse para morar sozinho. Mas era exatamente o oposto.

— O Nel sempre foi superligado na mãe — comentei. — Nunca disse que queria sair de casa.

Que fazer? Eu andava cada vez mais nervosa. Nem conseguia prestar atenção nas aulas. Marcelo propôs:

— Hoje, depois das aulas, vamos até a casa dele. Vamos e pronto!

De repente, tudo estava claro. Era a melhor solução! Exatamente o que eu deveria ter feito desde que ele saiu do hospital. Batido na

porta. Tive uma sensação de alívio. Finalmente, ia descobrir tudo!

Não era tão longe da escola. Pegamos um ônibus e fomos conversando. Na verdade, o Marcelo era um sujeito isolado. Assim como não era muito meu amigo, também não era do Nel. Percebi que estava sendo simplesmente... legal! Indo junto para não me deixar sozinha nessa história. Senti até um calorzinho no peito. Fomos conversando. Quando chegamos à casa do Nel, estava tranquila. Devia ser tudo uma bobagem. Talvez até exagero da minha parte.

Não estava nem um pouco preparada para o que ia enfrentar.

Apertamos a campainha duas vezes. Finalmente, dona Mariana apareceu. Espantou-se:

— Raquel, você aqui?

Tentei falar normalmente. Sabia que estava forçando a situação. Era até falta de educação, pois por telefone, ela havia dispensado as visitas. Mas fui em frente:

— Eu e o Marcelo viemos ver o Nel. É só uma visitinha.

Percebi sua hesitação. Quase disse alguma coisa, mas as palavras não saíram da boca. Ficou parada na porta um tempão. Acho que teria fechado a porta na minha cara. Mas um vulto surgiu atrás dela. Vi uma fina silhueta escondida pela escuridão do interior da sala. A voz disse, do fundo:

— Quem é?

Apesar de estar um tanto rouca, era a voz do Nel! Mas... como estava magro!

Nem esperei a resposta de dona Mariana. Preguei um sorriso no rosto. Fui entrando, com a maior cara de pau. Nel estava de pé no fundo da sala. De pijama. Magro, tão magro! Era chocante, ver como tinha emagrecido!

Mais tímido, Marcelo ficou na porta. Corri até Nel e o abracei.

— Que bom que você veio! — ele disse.

Abraçados, andamos até seu quarto. Ele deitou. Marcelo tomou coragem. Entrou na casa. Parou no umbral do quarto. Só então, passado o primeiro instante de emoção, observei o rosto de Nel. Encovado. Expressão de absoluto cansaço. Gelei. Sim, havia alguma coisa muito errada. Era ele, mas... não parecia! Seus traços

estavam quase desaparecidos de tanta magreza! Peguei em sua mão. Apertei forte. Perguntei:

— Diz! O que você tem!?

Imediatamente, dona Mariana entrou no quarto. Sorria, como se estivesse no melhor dos mundos. Mas era um sorriso forçado. Dava para perceber que estava tentando parecer alegre.

— O Nel teve uma gripe forte, que virou pneumonia. Com os antibióticos, perdeu o apetite. Ficou mal do estômago. Acabou perdendo uns quilinhos.

Se não tentasse fingir que estava tudo tão bem, teria me enganado. Mas como podia estar sorrindo se o Nel parecia um papel!? Marcelo tentou botar panos quentes.

— Ele nunca foi gordo — comentou.

Olhei para ele, profundamente.

— Você está bem, Nel? Diz, está mesmo legal?

Então ele sorriu. Garantiu que sim.

— Já estou bem melhor. O médico disse que na semana que vem posso voltar pra escola.

Falou e tossiu. Percebi que estava no fim da pneumonia. Melhor não forçar conversa. Dona Mariana me chamou para ajudar a servir café com bolo. Fomos para a cozinha. Dona Berta estava começando o jantar. Falamos sobre receitas. Dona Berta sabe fazer uns bolos bem antigos, cuja massa tem até uma dúzia de gemas. Hoje em dia não se fazem essas receitas. Mas tenho curiosidade em experimentar algum dia. Levamos o café e o bolo. Marcelo comeu bem uns três pedaços. Nel mal colocou na boca. Começou a escurecer. Eu e Marcelo nos despedimos. Dei um beijo estalado no Nel. Prometi voltar no fim de semana.

Na saída, suspiramos aliviados.

— Afinal, não era nada — comentou Marcelo.

Concordei.

— Ainda bem. O Nel é o caçula. A dona Mariana e a dona Berta sempre aprontaram um barulhão com cada doencinha que ele teve.

Mas quando cheguei em casa, refleti. Alguma coisa estava esquisita. Nem consegui assistir a novela. Fui para meu quarto.

Pensei. “Se não tem problema nenhum, por que a dona Mariana não estava trabalhando, em pleno dia da semana?”

Fechei os olhos. Vi novamente o rosto magro. Os olhos fundos. Parecia ouvir a tosse novamente. Sim, havia alguma coisa errada. Muito errada!

Em seguida, mudei de opinião. Talvez estivesse exagerando! Vou dizer a verdade. Dizem que as avestruzes enterram a cabeça na areia, diante de algum perigo. Nunca vi uma avestruz, não sei se é assim. Mas a gente é. Tenta fugir da realidade. Quanto mais eu pensava, menos queria ver. Talvez ele nem estivesse tão magro, fosse só impressão! Dali a pouco estava me convencendo de que a tosse não era tão forte.

Para completar, no dia seguinte, Marcelo também estava otimista. Rimos de nossos temores.

— Quisemos bancar os espões! — ele comentou. — Mas não tinha nada para espionar.

Achei o comentário meio bobo, mas concordei.

Chegou o fim de semana. Não pude cumprir a promessa. Meus pais foram convidados a viajar para a praia, no apartamento de um amigo. Eu, é lógico, tive de ir junto. Francamente, não me divirto nem um pouco nesse tipo de viagem. Fomos em duas famílias. O cara, dono do apartamento, tem três filhos. Todos pequenos. O apartamento fica perto da praia. Mas é minúsculo. Tive que ficar com as crianças na sala. O que significa que era a primeira a acordar e a última a dormir. Diversão? Nem um pouco! Em fim de semana na praia, as mulheres acabam trabalhando como loucas! Cozinhando, cuidando das crianças e lavando a louça, enquanto meu pai, o dono do lugar e uma porção de amigos ficavam bebendo cerveja e falando de política. O pior é que me tratavam como se eu fosse um fenômeno da natureza.

— Como ela cresceu! — comentava um conhecido.

— Já está ficando uma moça! — continuava outra pessoa.

É horrível esse tipo de comentário. Já me considero adulta, e aposto que sei muitas coisas que eles nem imaginam. Mas adianta o que acho de mim mesma? Estou naquela idade em que sou tratada como mulher para algumas coisas e como criança para

outras. Por exemplo: se quero sair na rua de *shorts*, me proibem. Dizem que já estou crescida, não devo exhibir as pernas desse jeito. (Embora seja justamente isso que quero: exhibir minhas pernas, que são longas e bonitas). Se começo a conversar com algum garotão na praia, só para fazer amizade, e peço para ir tomar um sorvete com ele, é um desespero. Minha mãe diz que sou muito nova. É o caos. Torço para que os anos passem depressa. Para ser considerada adulta de uma vez. Ter mais liberdade. Às vezes acho que isso jamais vai acontecer. Volta e meia, mamãe diz:

— Para mim, você será sempre minha garotinha.

Pode?

Enfim, fui viajar para a praia. Mesmo me remoendo por dentro. Para piorar, choveu. Passamos o fim de semana trancados no apartamento com as crianças berrando. Meu humor ficou péssimo. Nem lembrei muito do Nel. A maior parte do tempo, estava preocupada em ser gentil e educada, embora minha vontade fosse sair correndo aos gritos daquele apartamento.

Segunda-feira, quando voltei às aulas, tive uma surpresa. Uma excelente surpresa!



## 2. A hora da verdade

— Nel! Que bom! — gritei ao vê-lo na porta do colégio.

Ele mesmo. Mais gordinho. Recuperado. Tão diferente daquela figura na cama! Observando bem, dava para notar um certo ar de fadiga. Nada que não fosse normal em alguém convalescendo. Nem consegui conversar como queria. Outros amigos nos rodearam. Nel era realmente popular. Todos queriam saber o que acontecera. Descobri que, como eu, outros amigos haviam telefonado. Tudo parecia maravilhosamente bem. Marcelo chegou. Ficou um pouco longe de todos. Tímido, como sempre. Nel chamou:

— Grande Marcelo!

Observei. Marcelo estava muito retraído. Nem sabia se comportar diante daquele grupo. Era um contraste. Nel radiante. Marcelo, sem jeito. Tinha me aproximado bastante dele, nos últimos dias. Sabia ser amigo, era legal. Mas perto de Nel parecia uma figura pálida. Sem força. Todo animado, Nel contava uma história engraçadíssima sobre uma enfermeira. Tão confusa que, muitas vezes, o paciente era obrigado a ensinar o que devia fazer.

— Era do tipo que troca bebê em maternidade.

De repente, alguém quis saber.

— Afinal, o que você teve?

Foi impressão minha? Ou aconteceu realmente? Nel hesitou. Foi só um instante. Mas notei. Em seguida, sorriu:

— Gripe. Uma gripe forte, que virou pneumonia.

A turma comentou. Ultimamente, os casos de pneumonia tinham explodido na cidade. Talvez fosse a poluição. Ou problema do clima. Veio o sinal. Fomos para a classe. Nel estava preocupado com o

que havia perdido. No final das aulas, combinamos que eu passaria as matérias e trabalhos. Perguntei como ficariam as faltas. Tem muita gente que perde o ano por excesso de faltas! Nel revelou:

— O professor Ismael está falando com a direção para me ajudar.

Tudo parecia estar bem, novamente. Combinamos pegar um cinema. Minha mãe não gosta que eu saia à noite, mas com o Nel, ela permitia. Entretanto, no dia seguinte, ele avisou:

— Minha mãe acha que não devo sair de noite.

Estranhei. Sempre tinha toda a liberdade! Comentei com minha mãe. Ela aproveitou a deixa:

— Você devia seguir o exemplo do seu amigo, que sabe respeitar a opinião da mãe. Você nunca faz o que eu digo.

Retruquei:

— Mãe, deixa pra me criticar outra hora? Estou preocupada. Nunca vi o Nel tão parado.

— Pois então ele está criando juízo. Coisa que você não criou ainda.

Nem respondi! Que injustiça! O maior problema da minha mãe é que ela quer me ver num curso de secretariado. Não tenho a menor vontade. Não é por mal, só não tenho vontade de ser secretária. Quer que eu encontre uma profissão segura, desde cedo. Vive dizendo:

— Hoje em dia as mulheres têm que trabalhar.

Sempre cita como exemplo minha tia Nena, que, quando se separou, foi obrigada a trabalhar como vendedora de porta em porta.

— Isso porque não tinha profissão! — afirma mamãe.

Tudo bem. Eu pretendo ter uma profissão. Quero trabalhar assim que puder. Ajudar em casa, embora meu pai nem goste que eu fale nisso. Acaso mamãe acha que vivo contente? Sem dinheiro para comprar um cd, uma roupa, ou comer um hambúrguer com os amigos? Vivemos contando as moedas para pagar a prestação do apartamento. Claro que quero ter uma profissão. Só não pretendo ser secretária. Prefiro começar como vendedora, de preferência em uma boutique. Adoro roupas. Um dia pretendo ter uma confecção. Vivo desenhando roupas. Quero até fazer um curso de corte e

costura mais cedo ou mais tarde. E quem sabe, faculdade de moda! Tenho até nome para minha futura *grife*: “Vagalume”! Adoro criar roupas infantis, embora não tenha muita paciência com crianças berrando num dia de chuva, presa em um apartamento na praia, como já contei.

Começar como vendedora seria o máximo! Mamãe acha que eu não ganharia tão bem quanto uma secretária. Sempre acabamos entrando no assunto. Mamãe tenta me convencer. Eu teimo. Depois, cada uma fica de nariz comprido. Enfim, só contei tudo isso para explicar a mania de mamãe. Gosta de desviar qualquer assunto para seu tema predileto: eu! Meus modos. Minhas roupas. Meu futuro.

O caso é que eu e ele não fomos ao cinema. Na escola, não pudemos conversar muito. Nos dias seguintes, Nel parecia mais quieto do que o normal. Às vezes, no intervalo, em vez de sair, ficava na classe. Aparentemente, estudando. Estranhei.

— Quero recuperar as aulas perdidas — explicou.

Comentei com o Marcelo.

— Ele está diferente. Não era assim.

— Você está com minhoca na cabeça, Raquel.

Discordei. Alguma coisa parecia fora do lugar. Falei do cinema.

— A gente tinha combinado. Mas depois o Nel desmarcou.

Marcelo fez uma expressão diferente. Tentou dizer alguma coisa, quase tropeçou nas palavras. Finalmente, propôs:

— Quer ir ao cinema comigo?

Fiquei tão surpresa que em seguida, ele mudou a conversa.

— Ou vamos os três juntos.

— Grande ideia — respondi.

Quando convidei, Nel sorriu.

— Topo. Mas não por enquanto.

Ainda estava fraco, explicou. Quase abri a boca para perguntar que doença era essa que estava durando tanto. Não deu tempo. Ele mudou de assunto. Perguntou de um livro sobre Carlota Joaquina.

— Você leu?

Bem, eu tinha adorado a história! Contei, entusiasmada. Dona Carlota Joaquina foi uma rainha da pá virada! Como fui boba! De tão



entusiasmada com a biografia, deixei o assunto da doença passar.

Mas, no fim de semana, tomei uma decisão. Sem avisar, fui à casa dele.

Ficou contente ao me ver. Estava no quarto, comendo pipoca. Ficamos conversando. De repente, Nel parou. Olhou para longe, como se não estivesse lá. Ficou com a voz diferente. Começou a atrapalhar as palavras. Falava o verbo antes do sujeito, trocava os nomes. Uma confusão. Fiquei nervosa.

— Dona Mariana!

Mal a mãe chegou, tudo ficou bem. Ele voltou a falar normalmente. Olhou para mim, bem sério.

— Você não está rindo de mim, está?

— Claro que não.

Eu tinha vontade de chorar. O que era aquilo? Parecia um ataque!

Em seguida, dona Mariana trouxe uns remédios compridinhos e um copo d'água. Ele tomou. Estranhei, sem saber direito por quê. Tinha visto aqueles comprimidos em um programa de televisão. Não tinha? Não lembrava sobre o quê. Fiquei inquieta.

— Vamos passear? — propus.

— Pode chover — disse a mãe.

Nel pegou a jaqueta.

— Só uma volta aqui perto.

Só então notei algo que estava me incomodando, mas que eu não tinha traduzido em palavras. Seus movimentos eram um pouco diferentes. Como se tivesse perdido a agilidade. Talvez fosse por conta da doença. Mas não estava se recuperando? Então, por que parecia mais... lento?

Pouco depois, na rua, esqueci minhas preocupações. Era tão bom estar com ele de novo. Íamos passear! Sozinhos, sem a mãe por perto. Nel perguntou:

— Você está namorando o Marcelo?

Ri.

— De jeito nenhum. Que ideia.

Expliquei que tínhamos nos aproximado por causa da doença dele. Quase revelei o que sabia no fundo do meu coração, mas jamais diria em voz alta. Se tivesse que namorar alguém, seria ele!

Como já contei, não era bem paixão. Mais uma amizade especial. Era tão bom estar perto dele! Às vezes eu imaginava como seria namorar, casar... e viver sempre ao lado de alguém com quem me dava tão bem! Até hoje, não nego. Se em vez de amigos fôssemos namorados, quem sabe? Poderíamos ter sido muito felizes, porque nos entendíamos tão bem!

Assim, quando ele fez a pergunta, vários pensamentos passaram pela minha cabeça. Mas só soube responder que não estava namorando o Marcelo. Nel comentou:

— O Marcelo é um grande sujeito.

Arregalei os olhos. Que conversa era aquela? Ele estava querendo que eu namorasse o Marcelo? Ou será que o Marcelo tinha pedido para o Nel investigar se eu gostava dele? Nel continuou:

— Você merece namorar um cara legal.

— Por que você está tão preocupado com minha vida? Não quero namorar ninguém.

Percebi que ele ia dizer alguma outra coisa. Tenho certeza. Abriu a boca. Mas não teve coragem. No último instante, não disse o que pretendia. Escondeu o verdadeiro motivo de estar tão preocupado comigo.

— Raquel, você é superlegal. A melhor amiga do mundo. Sabe, eu gosto muito de você.

Olhei para ele, emocionada. Terminou.

— Queria que você conhecesse alguém. Fosse feliz.

Que conversa esquisita. Reclamei.

— Que papo é esse, Nel? A gente tem a vida toda pela frente. Você fala como se estivesse indo embora. Parece até aquelas conversas de filme, quando um personagem se despede!

Não respondeu. Ficou em silêncio. Achei a conversa triste. Mórbida. Ainda estávamos na sala. Ele parecia cansado, embora só tivesse dado alguns passos. Tentava parecer animado. Percebi que respirava profundamente para tomar ar. Já ia dizer que, afinal, talvez fosse melhor deixar o passeio para outro dia. Nel abriu a porta. E aí, aconteceu.

Desmontou no chão. Como um saco de papel vazio. Caiu. Eu gritei. Dona Mariana e dona Berta vieram correndo. A avó abanou a cabeça de um lado para o outro. Claramente me censurando. Passada a surpresa, ajudei a erguê-lo. Estava consciente. Mas fraco. Fraco, como se toda a sua energia tivesse se esvaído em um segundo. A mãe correu para o telefone, falar com o médico. Fiquei parada como boba.

Comecei a desconfiar. Depois de tantas notícias pela televisão, jornais e revistas, a gente sempre fica com uma impressão. Mesmo assim, espantei a ideia da cabeça. Mandeí a ideia embora, como se fosse um pombo no parapeito da janela. “Sai, sai, ideia!” — disse para mim mesma. “Vai embora!” Achei que se eu não pensasse naquilo, não seria verdade. Como se as palavras tivessem o poder de criar a realidade, e não simplesmente de expressar o que estava acontecendo.

Mãe e avó o levaram para a cama. Dona Berta saiu do quarto:

— Volte outra hora, por favor. Meu neto está cansado.

— O que ele tem, afinal? — perguntei, sentindo uma dor no coração.

Nesse instante, dona Mariana saiu do quarto. O rosto grave. Sinceramente, quando lembro dos acontecimentos daquele dia, sob a luz de hoje, reconheço que ela foi maravilhosa. No momento, porém, eu estava com raiva. Sabia que me escondiam alguma coisa. Queria a verdade. Já ia começar a fazer perguntas, bater o pé, reclamar, quando ela disse:

— Meu filho quer falar com você.

A avó olhou para ela, com medo. Dona Mariana ficou firme. Fui para o quarto. Nel estava deitado. Cansado. Fraco. Era incrível como no espaço de poucos minutos a saúde tinha evaporado. Sua aparência era de muito doente.

— Feche a porta — pediu.

Torci a maçaneta. Fiquei parada no umbral. Com medo de dar mais um passo. Evitando os momentos seguintes, com medo do que iria ouvir. No fundo, sabia o que vinha. Não queria estar ali, não queria saber. E ao mesmo tempo, tinha certeza de que jamais sairia

sem ouvir cada palavra. Era uma salada de sentimentos. Meu coração batia forte. Dava impressão de que ia enlouquecer.

— Você já sabe? — perguntou.

— Do quê?

— Não seja boba, Raquel. De mim.

Eu não poderia falar da minha suposição. Embora as palavras estivessem me dando um nó na garganta.

— Saber o quê, Nelson?

Sorriu. Talvez contente por ouvir seu nome inteiro.

— O que eu tenho.

— Eu... eu prefiro que você me diga.

— É aids.

O mundo desabou na minha frente. Fiquei imóvel. “aids, aids”. Eu pensava que devia haver algum engano. “É impossível, ele não pode ter aids!” Então, fiz a pergunta mais boba, mais tonta que poderia ter feito.

— Como foi que você pegou?

Ficou em silêncio. Tive raiva de mim mesma.

Meu melhor amigo dava uma notícia tão terrível. E eu, em vez de falar alguma coisa bonita, de dar um abraço, só queria saber da fofoca? Saber se ele tinha feito alguma coisa proibida. Já tinha ouvido falar que a aids se pega de várias maneiras. Sexo, drogas. Transfusão. Então, em vez de dar uma palavra de conforto, eu só queria fazer fofoca? Saber o que ele fizera pra pegar?

Respirei fundo. Então, tive uma sensação pior ainda. Senti medo de que o ar me passasse alguma coisa. Um miasma. Não sei. Tive a horrível sensação de que poderia pegar aids pelo ar. Senti um nojo incrível, uma náusea danada. Engoli fundo. Percebi que estava me comportando como uma tonta. Aids não se pega pelo ar, eu sabia. Não era o momento de fazer perguntas. Meu peito se aqueceu, com uma emoção inesperada. Descobri o que devia fazer.

Fui até ele. Sentei na cama. E o abracei.

Foi um abraço longo, apertado. Por um momento, senti que ele era meu. E eu, era dele. Amigos, para sempre.

Nem sei quanto tempo permanecemos juntos. Dona Mariana entrou no quarto com um comprimido e um copo d’água. Só então

eu o soltei.

— Ela já sabe — disse Nel.

— Por favor, não comente na escola — pediu dona Mariana. — Tenho medo da reação das pessoas.

Prometi:

— Não vou comentar com ninguém.

E de repente, Nel falou do meu vestido. Disse que era bonito, diferente. Orgulhosa, contei que tinha comprado feito. Mas eu mesma mudara as mangas. Quando vi, estávamos comentando sobre o comprimento da minha saia. Meu próximo corte de cabelo. Estava cheio de pontas, e eu queria deixar mais curto. Nel disse que talvez ficasse muito bochechuda. Falamos tanto que o assunto da doença foi sumindo, sumindo, como se nunca tivesse existido. Por incrível que pareça, depois de uma notícia daquelas encontramos forças para tomar chá com uns biscoitos deliciosos feitos por dona Berta. Comentamos sobre a novela e a cantora de rock predileta de Nel. A conversa se tornou alegre, como nos velhos tempos. Quando notei que ele estava tão cansado que nem conseguia mais continuar o bate-papo, levantei e me despedi. Na porta, ainda garanti a dona Mariana.

— Pode deixar que eu não conto pra ninguém.

Ela me abraçou. Estava feliz, porque eu era uma ótima companhia para seu filho.

— Apareça sempre, Raquel.

Quis ser otimista. Lembrei de tanta coisa que ouvira pela televisão.

— Não é tão grave assim, não, dona Mariana. Eu li que existem remédios, que a doença pode ser controlada por muito tempo.

A mãe ficou muito triste. Em seguida, me explicou. De fato, quando a pessoa é infectada pelo vírus, sem a manifestação da doença, certos remédios podem ajudar no controle por muitos anos.

— Não existe cura, mas a pessoa consegue ir levando a vida — disse ela.

Embora, é claro, seja sempre uma situação de risco. E os remédios não funcionam com todo mundo.

— Cada pessoa é uma pessoa. Muitos não suportam os efeitos. Ou adquirem resistência aos remédios.

Mas no caso de Nel, era pior. Ninguém supunha que ele podia ter aids, justamente aids.

— Ele vivia gripado, lembra, Raquel? Andou emagrecendo. Mas eu não podia supor, meu filho é quase um menino.

Quando a doença se desencadeou, foi de forma tremenda. Ela repetiu o que eu sabia: a aids destrói o sistema imunológico. O organismo fica sem defesas. Muitas doenças se instalam. No caso de Nel, uma enfermidade rara, mas terrível.

— É uma espécie de fungo que se instala no corpo. Afeta o sistema nervoso, até o cérebro. Você viu que de repente ele começa a falar coisas sem nexos, Raquel? Ou perde os movimentos?

Concordei, assustada. Segundo ela me explicou, temos sempre contato com bactérias, vírus. Mesmo com fungos de todo o tipo. Ela deu o nome, mas era tão complicado que nem sei repetir. Só o corpo sem defesas é atacado.

— Mas tem cura, não tem?

— Parece que é muito difícil controlar a doença quando ela começa assim.

Teria melhoras. Mas também poderia piorar de repente. De repente, desabafou:

— Ele está tão fraco! Um caso como este quase não tem esperança!

Olhei para ela, quis dizer alguma coisa. Mas não consegui encontrar as palavras certas. De tanto ouvir boas notícias sobre o tratamento, a gente esquece que a aids é tão perigosa. Sei de amigas minhas, apaixonadas, que nem tomam cuidado. Tudo parece estar indo tão bem! De repente, lá estava eu, diante de dona Mariana, sabendo que esse sentimento de segurança era falso. Que a doença é traiçoeira. Ficamos assim, nos encarando algum tempo. As duas queríamos chorar. Cair nos braços uma da outra.

Então, ela olhou para cima, talvez para disfarçar as lágrimas. Observou as nuvens. Comentou que ia chover. E eu... eu mudei de assunto junto com ela! Disse que ia chover sim. Que nessa cidade nunca se pode confiar no tempo. As frases iam e vinham. Era um

jogo para disfarçar o tema principal. Para ficarmos aliviadas com o peso das revelações. Fiz um esforço, antes de me despedir:

— Se o Nel tiver que faltar às aulas, eu pego as matérias. Venho fazer os trabalhos com ele.

— Obrigada, Raquel. Vai ser muito bom.

Eu falava, falava e falava. Foi como se eu mesma estivesse me assistindo, enquanto conversava. Simplesmente, estava fantástica. Acreditem. Falei com firmeza, segurança. Como se fosse uma dessas personagens de cinema americano, capazes de sorrir diante de um terremoto! Despedi-me com dois beijos. Sorri, otimista.

— Pode contar comigo para o que precisar.

Quando cheguei ao ponto de ônibus, olhei para trás. Dona Mariana já não estava na porta. Então, me bateu uma tremedeira tão grande que nem conseguia mais andar. Precisei entrar em um barzinho lá perto. Tomei um refrigerante. Sentei. Até passar o nervosismo. Aids, aids, aids! A palavra não me saía da cabeça. Equivalia a uma sentença de morte, ainda mais no caso dele! Deu um frio no estômago. Um desespero. E, por incrível que pareça, uma coceira. Acreditem ou não. Uma coceira danada nos ombros. Nos braços. Esfreguei as unhas na pele até ficar com vergões nos dois braços. As lágrimas umedeceram meus olhos. Sou mesmo uma tonta. Sempre me disseram para não chorar em público. Só não entendo por que a gente não pode fazer isso, chorar, desabar, quando o coração está sofrendo. Fiz um esforço danado. Mordi os lábios. Segurei as lágrimas. Imediatamente, senti uma tremenda dor de cabeça.

Saí do bar. Corri para um ônibus. Entrei.

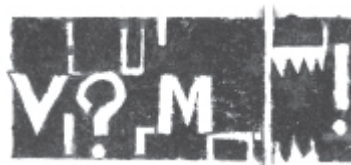
A palavra aids continuava me martelando. Tinha vontade de me atirar no chão. Bater os pés e as mãos no chão. Incrível, não é? Até pouco tempo atrás conseguira parecer forte e equilibrada, diante de dona Mariana. Agora estava completamente doida. Errei três ônibus. Quando peguei o certo, perdi o ponto próximo do meu prédio. Nem vi. Andei quadras e quadras para voltar. Quando entrei no apartamento, corri. Não queria que minha mãe me visse, porque sabia que estava muito esquisita. Tinha também uma vontade desesperada de ficar sozinha.

Tranquei a porta do meu quarto a chave.

E só então, quando estava solitária, só então deixei meus sentimentos desaguarem. Fiquei parada um instante, ainda com os olhos secos. Olhei para um ursinho que tenho desde criança. Frente a frente com ele, como se fosse um ser humano capaz de me dizer alguma coisa. Subitamente, no rosto do ursinho, parecia que eu estava vendo a expressão de Nel, na cama, me dando a notícia. Aí, eu abracei meu ursinho como se fosse meu amigo. Com todo meu amor, toda minha ternura. Tentei protegê-lo com meus braços e meu corpo. Caí na cama abraçada com ele, sentindo o cheiro dos lençóis.

Chorei, chorei e chorei.





### **3. Verdades e mentiras**

Quando me acalmei, meu primeiro gesto foi tentar entender. Hoje em dia se fala muito sobre o assunto, tanto em jornais e revistas quanto na televisão. Existe até o Dia Mundial da Aids, que é primeiro de dezembro. Portanto, já tinha ouvido falar sobre o vírus, a infecção, a doença. Mas nunca tinha prestado atenção. Como se fosse uma coisa distante. Impossível de acontecer com um amigo, um parente, uma pessoa de que eu gostasse. Algo que jamais me afetaria pessoalmente. Quer dizer, era como se fosse um terremoto acontecendo em algum outro país, como o México. Sou humana. Sempre que há uma notícia sobre algum tipo de tragédia, fico triste. Penso nos feridos. Só que o terremoto está lá. E eu aqui. Não preciso dormir com medo de que a cama comece a tremer. Ou o telhado caia sobre minha cabeça. De repente, a aids, que parecia tão distante quanto um terremoto, estava diante de mim. Mais ainda: pensava ser o tipo de doença que só pessoas com vida marginal pegam. Nunca pensei que um colega de escola como o Nel pudesse ter. Assim, tão perto! Agora, eu queria me informar.

Passei a noite procurando em jornais velhos. (Mamãe tem a mania de guardar para vender; com as prestações do apartamento, sempre é um dinheirinho a mais). Achei notícias. Li bastante. Apreendi algumas coisas. Verdades e lendas.

Quando terminei de ler, minha cabeça estava transformada.

Acho legal contar como perdi meus medos. Como descobri que abraçar, apertar a mão, ficar junto, é super importante para quem vive uma história tão difícil!

A aids se pega por contato sexual, transfusão de sangue e uso da mesma seringa, no caso de viciados. Também pode ser transmitida da mãe grávida para o bebê. Entretanto, se a mãe fizer o teste e der positivo, ela pode tomar uma medicação capaz de impedir que o filho nasça infectado. Mas não se pega aids em um aperto de mão. Um abraço. Um gesto de solidariedade. Não se transmite pelo ar. Muito menos por pernilongos, como até já chegaram a pensar. Bem, o grande problema é que a aids é cercada de preconceito. Durante um bom tempo, ela foi superassociada ao homossexualismo masculino. Pelo que li, isso acabou em tragédia. Muitas mulheres achavam que estavam imunes, e não tomaram cuidados. Atualmente, uma grande porcentagem dos portadores do vírus é do sexo feminino. Também se fala muito em promiscuidade. Gente que transa com muitas pessoas diferentes teria mais facilidade em ser contagiada. É verdade. Mas não só. Existem casos de garotas ou garotos que pegaram o vírus na sua primeira relação sexual. Quando ainda nem estavam pensando que isso seria possível!

Por mais que a gente conheça uma pessoa, nunca sabe realmente tudo a respeito dela. Claro que no amor, tem que existir confiança. Mas primeiro é preciso saber se o parceiro merece! Assim, para quem pretende ter ou já tem relações sexuais, nada melhor que o uso de preservativos. Para usuários de drogas injetáveis, a única forma de se prevenir é não dividir a seringa.

Falando tudo isso, é claro que fica a pergunta. Como Nel pegou o vírus? Não vou dizer que não tenha tido muita curiosidade. Demais. Transfusão de sangue, pelo que eu sabia ele não havia feito nenhuma. Se fossem drogas, acho que teria notado. Gente que usa drogas muda o jeito de ser. Restava o sexo. Com quem? Como? Namorada, ele não tinha. Teria ficado com alguém? Talvez alguém que conheceria em uma festa? Ou no *shopping*? Até na rua, pegando ônibus. Mas quem? Que tipo de pessoa? As perguntas eram muitas.

Então, eu tomei uma decisão.

Nunca, nunca faria a pergunta. Nunca botaria meu amigo na parede para saber. Eu não podia dar a impressão de que estava interessada só na fofoca. Em satisfazer minha curiosidade. Resolvi

deixar o assunto de lado. Se um dia ele quisesse me contar, ótimo. Senão, eu estaria sempre ao lado dele.

Era difícil para mim, confesso. Só de pensar no que havia lido, minha cabeça doía. Usar seringas descartáveis, por exemplo. Parecia uma coisa tão doida! Para que se meter com drogas, a ponto de chegar nessa baixaria, eu me pergunto. Podem me chamar de careta. Chata. Lá na escola tem uma turminha que acha drogas uma coisa maravilhosa. São uns bobos, na minha opinião. Aham que estão desafiando o mundo, sendo rebeldes e corajosos. Só porque se metem em lances pesados, como ir atrás de traficante e fugir da polícia. Para mim, coragem é saber dizer não. Coragem é saber enfrentar a vida, mesmo que ela seja difícil, mas sempre de olhos abertos. Com a cabeça no lugar.

Os garotos que conheci que entraram nessa de droga começam agindo como se estivessem no mundo das mil e uma noites. Depois de um tempo, parecem mendigos esfarrapados. Teve um que roubou a pulseira da mãe para entregar ao traficante. Acabou esquecendo o valor da amizade. Do afeto. Era capaz de tudo por um pouco mais de droga, até que foi pego, e a família levou não sei pra onde. Ou fugiu. Não sei.

A questão do sexo, então! Ouvir conselhos sobre usar preservativo para mim é o mesmo que falar de uma viagem à lua! Nem namorado tenho. E também não costumo ficar com ninguém nas festas. Sou mais romântica. A única vez que namorei, faz tempo. Foi com um garoto do bairro que eu morava. Tentamos um beijo no cinema. Eu fiquei séculos imaginando como seria um beijo. Na hora me atrapalhei. Nem conseguia respirar. A mão dele avançou. Puxa, tinha uns dedos tão rápidos! Arranquei a mão e ele fez bico o resto do filme. Não que eu tenha alguma coisa contra. Há garotas mais novas do que eu que já tiveram muitos namorados. Mas meu jeito é diferente. Eu acho que o amor tem que ser especial!

Assim, o conselho sobre preservativos me parecia absolutamente fora de hora!

Então, eu disse para mim mesma.

— Certo, é distante. Minha vida está começando. Mas preciso saber que cuidados devo tomar, se um dia sentir de outra maneira. Preciso estar informada.

Não estava pensando só em mim. Mas nas pessoas que poderia ajudar, inclusive.

Talvez, se o Nel tivesse ouvido falar desses cuidados há mais tempo! Deu um nó na garganta, uma sensação de desespero.

Também li sobre as mentiras. Fala-se muito sobre aids, mas poucos têm as informações corretas.

Não é verdade que toda pessoa com um teste positivo esteja doente. Pelo menos imediatamente. Algumas pessoas demoram muitos e muitos anos para desenvolver a doença. Outros nem chegam a manifestar os sintomas. Com os remédios que existem atualmente, é possível evitar que a doença apareça por um longo tempo. Talvez para sempre. Mas o caso é que, por ser uma doença transmissível, as pessoas têm medo. Fogem dos doentes. Hostilizam até o portador do vírus sem sintomas.

Uma doença é uma doença!

Qualquer doente precisa de carinho. De ajuda. De amor, amizade e carinho. Principalmente doenças que não têm cura total à vista, como a aids. O alto astral pode contar muito para ajudar o paciente a superar os momentos mais difíceis.

De tudo que li, uma coisa não me saía da cabeça. A aids é uma doença mortal. Os exames são caros. É preciso um ótimo plano de saúde. Muitos nem querem aceitar portadores de vírus, e quando a doença aparece é preciso acionar a justiça. A internação de um paciente em hospital particular pode custar mais do que o apartamento em que vivo. Ou a dívida do meu pai com o banco. Existem programas do governo para oferecer remédios. Nem todo mundo sabe, por falta de informação. Às vezes, doente, a pessoa nem sabe o que fazer. Muitas vezes, o paciente tem alta do hospital e fica sem casa para morar. Simplesmente, a família não quer mais saber dele!

E o mais difícil deve ser o contato diário com a doença. Todos nós sabemos que vamos morrer um dia. Existem doenças variadas.

Acidentes que podem levar qualquer um. Mas como será a cabeça de um portador de vírus?

Para tudo isso, só existe uma solução: amor. Estar junto. Ser capaz de entender que mesmo a doença é uma experiência de vida. A doença não é a morte. Muitas vezes é a chance de descobrir coisas novas.

Ih! Acho que essa última parte está escrita de um jeito muito sério. Tipo redação de escola. Vou contar o que aconteceu. Depois de tudo que aconteceu, entrei para uma associação de voluntários. Ajudo portadores do vírus. Hoje em dia, eu e dona Mariana batalhamos muito para fornecer cestas básicas a pessoas sem condições. A gente pede mantimentos aqui e ali. Faz cestas para os pacientes sem recursos e suas famílias. Muitas vezes, quem fica doente é o pai, a mãe, ou o arrimo da casa!

Como não queria dar nenhuma informação errada, copiei alguns pedaços de um texto distribuído pela associação. Não é que eu escreva mal. Ficaria, sim, muito chateada se desse alguma informação absurda. Já comentei sobre um médico muito importante, não foi? Andou dizendo que a aids podia ser transmitida por pernilongos. Causou mal-estar. Centenas de pessoas quase morreram sufocadas de tanto encher a casa de veneno de mosquito, à toa!

Mas vamos voltar àquela noite. Chocada pela revelação, li tudo que consegui sobre a doença. Entendi que o vírus da aids era muito perigoso, porque acabava com as defesas do organismo. Por causa disso, o Nel tinha outra doença perigosa instalada no corpo. Um fungo alojado no tecido nervoso! Era gravíssimo! Não, não cabia a mim ficar tentando descobrir como ele pegara a doença. Tinha que ser mais do que amiga. Irmã.

Que importância teria descobrir alguma coisa sobre sua vida?

O importante era o amor que eu sentia por ele.

Dormi decidida a oferecer todo o meu amor, toda a minha amizade. Seria suficiente?



## 4. Fofocas

Na segunda-feira, ele faltou à aula novamente. Apareceu na terça. Aparentemente bem. Meio arreado. Esperando minha reação. Fui até ele. Dei um abraço bem forte.

— Fiquei muito triste — revelei.

— Eu sei. Você é minha amiga de verdade.

— Alguma vez você duvidou?

— Sabe, quando descobri o que tinha, o médico alertou para ser discreto. Para ter cuidado com a reação das pessoas. Mamãe não queria que eu contasse de jeito nenhum!

Falava constrangido, em voz baixa. Com ar de segredo. Ou culpa! Por mais que eu tentasse, não consegui evitar. A questão veio novamente na minha cabeça: “como foi que ele pegou?”. Quase fiz a pergunta. Consegui me segurar a tempo.

Nel contou como descobrira. À medida que falava, também me surpreendi. Como não tinha notado antes?

— Lembra que no ano passado peguei uma gripe que não sarava de jeito nenhum? Pois é. Tomava remédios e não adiantava! Toda tarde sentia uma febrezinha. Era chato, mas só. Nada muito forte. Um dia, tomei uma injeção. A marca ficou na pele. Um tempão. Achei que tinha sido mal dada. Só não me conformava com a marca, tão feia na pele!

— Nem assim você foi no médico?

— Eram só coisas chatas, mas nada parecia grave. Só que era uma coisinha atrás da outra!

— Eu até comentei com minha mãe que você andava muito fraco.

— Depois, foi o estômago. Não saía do banheiro. A diaba não passava. Perdi uns quilos.

— Você sempre foi magro, ninguém estranhou.

— Só que eu estava magro demais. Um palito, lembra?

— É... mas tem tanta gente magra!

— Eu já tinha lido tanta coisa! Ouvido na televisão! Mas nunca achei que pudesse ser comigo, nunca! Raquel, nem quando emagreci, a ideia me passou pela cabeça. Nem desconfiei do que tinha.

— Entendo sim, Nel. Eu mesma, embora você tenha me dito com todas as letras, ainda não consigo acreditar!

Ele ficou em silêncio um instante, emocionado. Quando continuou, sua voz estava sufocada. Dolorida. Precisava desabafar. Eu abri meu coração.

— Há quinze dias, fiquei gripado de novo. Mas não era uma gripe como as outras. Senti um sufoco. Fiquei escaldando de febre. Nem conseguia respirar. Uma tarde, quando minha mãe chegou do trabalho, me levou direto pro pronto-socorro. Ela tem um convênio médico que não cobre doença contagiosa. Na hora, o pronto-socorro atendeu pelo convênio. O médico viu que eu estava magro demais. Descobriu que a pneumonia era de um tipo característico de quem é portador do vírus.

— Eu li. É *Pneumocistis*...

— ... *carinii*. Na hora, o médico exigiu um exame de sangue. Minha mãe nem queria permitir. Ficou até ofendida.

— E você?

— Deu um medo lascado.

Observei seus olhos. Disfarçou incomodado. Que motivo teria para ter medo? Alguém, teria se apaixonado por alguém sem eu saber? Deu até uma ponta de ciúmes. Eu era sua melhor amiga, não? Como não sabia? Nel abaixou o rosto. Continuou, em voz baixa:

— Tremi nas bases. Mas estendi o braço. Tiraram o sangue. O resto você já sabe. Deu positivo. Então, fizeram uma porção de testes. Minha resistência estava baixíssima.

— Puxa!

— O pior é que eu... eu já tinha sintomas desse outro negócio. Da ação do fungo!

Deu uma dor! Uma emoção. Perguntei:

— E agora? O que vai acontecer agora?

— Existem remédios para deter o vírus. Falam que é o coquetel! Remédios combinados, que, juntos, conseguem impedir a quebra de defesa do organismo. Que podem segurar a gente até surgir um definitivo.

— Então, você tem muita esperança.

A voz dele tremeu. Mais embargada.

— Não sei, Raquel. Essa minha outra doença... que eu peguei porque nunca fiz um exame, deixei minha resistência cair demais... bem, essa outra... é mais difícil de curar. Sabe, às vezes eu perco a consciência, não falo coisa com coisa. Ela age no cérebro. E o cérebro é uma máquina. Eu... eu tenho medo.

Eu estava entendendo tudo, mas não sabia o que dizer.

Simplesmente, abri meus braços. Ficamos lá, juntos, sentindo o coração um do outro.

Estávamos no meio do papo quando passou a Cíntia. Ela sempre andou de olho no Nel. Várias vezes tentou se aproximar. Não fazia o gênero dele. Nem o meu, francamente. Era o tipo de garota que só pensa em corte de cabelo e maquiagem. Nunca vai ao cinema. Não ouve música. Gosta de falar da vida dos outros! Já disseram que ela devia trazer microfone na mochila. Assim, espalhava as fofocas mais depressa! Mal nos viu, deu um sorriso. Um daqueles sorrisos bem falsos. Aproximou-se:

— Olha só os pombinhos!

— Que história é essa, Cíntia? — perguntou Nel.

— Os dois abraçadinhos na porta do colégio. Bem que eu achava...

Só então percebi que continuava abraçada com ele.

— Deixa de história, Cíntia — eu disse.

— Foi brincadeirinha!

Afastou-se com um sorriso. Não deu outra. No intervalo o Marcelo veio falar comigo.

— Você e o Nel estão namorando?



— Marcelo, é fofoca da Cíntia! A gente só estava abraçado. Conversando. Só.

— Sempre achei que você gostava dele.

Já ia perguntar: “e se gostasse, o que você tem com isso?”. Mas notei uma luz diferente nos olhos de Marcelo. Ei, ele não estava querendo se intrometer na minha vida! O interesse dele parecia... mais pessoal! Como diria um poeta, era um olhar de mágoa. Então, respondi, bem delicada, porque ele também tinha se tornado um amigo muito querido.

— Eu e o Nel nunca namoramos, Marcelo. É amizade!

Puxa, eu estava sendo dramática demais! Queria guardar o segredo do Nel. Mas lembrei quanto o Marcelo tinha sido legal quando Nel faltou às aulas. Foi até a casa dele saber notícias. Quis ajudar. Não, ele não podia ficar fora dessa história. E eu, não tinha o direito de contar! Que rolo!

Arrisquei:

— Sabe o que a gente podia fazer? Sair juntos, os três. Comer um búrguer.

Marcelo deu um sorriso de orelha a orelha.

— Que tal depois da aula?

Achei ótimo. Mesmo porque, com dois cavalheiros me acompanhando, não teria que gastar meu rico (e contado) dinheirinho na lanchonete. Falamos com Nel. Concordou no mesmo instante. Depois de tanto tempo de molho, queria sair. Ver gente. Ligamos para dona Mariana, que tentou impedir. Preocupadíssima. Nel teimou. Fomos a pé para uma lanchonete perto da escola. No início, foi ótimo. Rimos. Falamos dos professores. O Marcelo, sempre tão tímido, até se descontraíu. A gente estava no maior papo quando a Cíntia entrou com duas garotas. Uma, a Marli, era de outra classe. Um ano adiante. A outra, mais velha, era parecida com a Marli. Certamente, sua irmã. Estava bem maquiada. As três conversavam em voz alta. Dava para ouvir o papo. A irmã da Marli tinha marcado encontro com o namorado na lanchonete. A Cíntia e a Marli estavam fazendo hora. Queriam conhecer o dito cujo. Segundo os comentários, era sujeito lindo de morrer!

Quando elas entraram, Nel estava de costas. Com os risos e o falatório em voz alta, ele se virou para olhar a mesa. Seu olhar se encontrou com o da irmã de Marli. Os dois se encararam, surpresos. Ele congelou. Sua mão apertou a minha, com força. Apavorado.

Parecia cena de filme. Nel cumprimentou, sem jeito. Cíntia cutucou a irmã de Marli.

— Vocês se conhecem?

— É... a gente se conhece — respondeu ele.

— Que coincidência — sorriu Cíntia, já querendo saber detalhes — somos da mesma classe, sabia?

A irmã de Marli pregou um sorriso no rosto. Nunca vi nada mais artificial.

— Ah, é! ?

Nel pediu em voz baixa.

— Vamos sair daqui.

Foi quando realmente comecei a admirar o Marcelo. Mesmo sem saber qual era o problema, ele agiu bem depressa. Não fez perguntas. Levantou-se. Foi até o caixa e pediu a conta. Mesmo assim, tivemos que esperar o garçom trazer a nota. Foi um terror. As duas mesas se encaravam. Sem nada, absolutamente nada para dizer. Mas todos cheios de perguntas. Finalmente, pudemos sair. Da porta, vi a irmã de Marli cochichando com a Cíntia. O que estaria acontecendo?

Mais uma vez, Marcelo foi uma gracinha. Não fez perguntas. Nem puxou conversa. Abriu a carteira. Contou as notas. Eram poucas. Mesmo assim, propôs.

— Vamos de táxi.

Abri minha mochila, tirei a carteira. Peguei o que restava do meu economizadíssimo dinheirinho.

— Eu divido — suspirei.

Meu golpe da lanchonete tinha dado errado. Mais errado, impossível. No nervosismo para ir embora, eu tinha pago a conta inteira! Ah, que raiva! Nem quando planejo, consigo que alguém me pague um hambúrguer! São os tempos modernos, que fazer? Na época da minha mãe, ela nem levava a bolsa quando saía!

Nel estava tão nervoso! Nem pensava em dinheiro. Só queria ir para longe dali. Quando chegamos à sua casa, desceu bem depressa. Quando entrou, deu um jeito de Marcelo perceber que queria ficar só comigo. Marcelo deu um tapinha nas costas do Nel e foi a pé para casa. Achei injusto, tive vontade de correr atrás dele. Explicar que eu queria que ele ficasse. Mas não pude. Nel precisava da minha ajuda.

Na sala, dona Mariana percebeu seu nervosismo. Ele explicou.

— Eu estava na lanchonete. Apareceu aquela moça que trabalha no convênio médico. Sabe, justamente aquela que foi grosseira com você, e disse que o convênio não cobria casos de aids.

Dona Mariana lembrou imediatamente. Fora horrível. Ela não lera a cláusula contra doenças infectocontagiosas quando assinou o contrato. Quando precisou, depois de tantos anos, o plano de saúde se recusou a cobrir o tratamento. Foi preciso chamar um advogado.

— Você acha que a moça reconheceu você, meu filho?

— Pior. Parece que é irmã de uma garota do colégio.

Os dois estavam nervosíssimos. Dona Berta, a avó, veio da cozinha. Tinha ouvido a conversa inteira. Ficou desesperada.

— Bem que eu disse! Você não devia voltar pra escola!

— Mas vó, eu não posso passar o tempo todo vegetando!

— Pra que estudar, se...

Dona Mariana impediu que a avó terminasse a frase. Seria pior.

— Mãe, nem diga o que ia falar. A gente tem esperança! Vamos batalhar, vamos encontrar uma saída. O Nelson tem que continuar na escola, tem que ter vida normal!

Em seguida, disse cheia de fé:

— Quem sabe ela mantém segredo!

Não sei o que aconteceu comigo. Senti uma força. Como se fosse uma árvore e a seiva estivesse subindo pelo meu corpo, meus braços. Alguém precisava falar a verdade. Não quis por panos quentes.

— Nel, dona Mariana, dona Berta, vamos encarar os fatos. Ela vai contar. Aposto que já falou. Foi só a gente botar os pés para fora da lanchonete e ela contou tudo, tudo! Pior ainda! Contou para uma

das maiores fofoqueiras do colégio. Amanhã todo mundo vai estar sabendo!

— Não volto mais na escola, Raquel — disse Nel.

Conseguí ser ainda mais forte. Nem eu entendia de onde estava tirando tantas ideias ao mesmo tempo.

— Acho que você deve voltar, sim! Não é nenhum criminoso. Não há lei que proíba você de ficar doente. Volte, sim, e de cabeça erguida.

Dona Mariana sorriu. Triste, mas firme.

— A Raquel está certa, filho. O que aconteceu com você é uma fatalidade. Não tem do que se envergonhar.

Prometi.

— Amanhã, dona Mariana, quando for levar o Nel, eu fico esperando no meio do caminho. No ponto da padaria, certo? Quero chegar com ele.

Nel apertou minha mão, emocionado.

Nunca pude imaginar que o dia seguinte seria tão difícil. Saí mais cedo. Nem me penteei direito. No horário combinado, dona Mariana chegou de carro. Desde que o filho ficara doente, ela o levava todos os dias. Nel estava no banco da frente. Encolhido. Assustado. Meu pai sempre disse que tenho alma guerreira. Resolvi provar. Entrei no carro. Partimos.

Quando chegamos, havia uma roda em torno de Cíntia. A diaba tinha chegado mais cedo. Só para fofocar. Não nego. A notícia era um prato cheio. Descemos do carro. Quando Nel entrou no pátio, parecia que tinha chegado um enxame de vespas. Muitos colegas se afastaram, depressa. Todo mundo olhava assustado. A sineta tocou. Continuei andando ao lado dele, de cabeça erguida. Senti uns dedos apertando meu braço. Marcelo.

— Por que não me contou?

— Ele pediu segredo.

— Mas Nel... Raquel... depois de ontem, vocês deviam ter me contado. Acabei sabendo pelos outros!

— Desculpa, Marcelo — disse Nel.

— Você acha, Nel, que eu sou tão idiota a ponto de deixar de ser seu amigo? E você, Raquel, não confia em mim? Eu podia ter dado

o maior apoio, se tivessem me contado.

— Marcelo, a aula vai começar. A gente conversa depois — prometi.

Os dedos afrouxaram. Marcelo foi para seu lugar, perto de Nel. Os dois sentavam mais no fundo. Sorri para Marcelo. Ele devolveu o sorriso, ainda magoado. Nel parecia mais triste do que nunca. Todos na classe disfarçavam. Mas volta e meia alguém olhava para ele, como se fosse um ser de outro mundo. Nem consegui ouvir o professor. O ambiente estava tenso. Prestes a explodir.

No intervalo, corri até Nel.

— Vamos — disse.

— É melhor ficar aqui — ele insistiu.

Não, ele não podia perder aquela batalha. A humilhação seria pior que a doença! Insisti. Fomos para a lanchonete.

À medida que a gente foi se aproximando, tive a sensação de que era uma caravela singrando o oceano. Era um mar de gente. Todos se afastavam como ondas. Ficamos de pé no balcão. Pedi um refrigerante. O rapaz hesitou. Normalmente perguntava se a gente queria copo. Desta vez entregou duas garrafas com dois canudinhos.

— Pedi só uma garrafa e dois copos — expliquei.

O rapaz disfarçou:

— Eu... eu me enganei. Mas deixa. Uma fica de oferta da casa.

— Mesmo assim, queremos copos — afirmei.

— Mas é que...

Nesse instante Cíntia e outro rapaz, Raul, se aproximaram. Um bloco de colegas ficou atrás deles. Assistiam à cena. Todos obviamente contra nós.

A Cíntia começou:

— Você não tem nada que passar essa doença horrível pra gente.

Nel abaixou a cabeça, envergonhado. Respondi em voz alta.

— Deixa de ser burra, Cíntia. Se você lesse um mínimo, saberia que aids não se pega em copo. Nem em beijos leves, aliás.

Ela retrucou:

— Você fala assim porque não tem nada a perder. Vive atrás dele. Talvez até esteja doente também!

Ah, que raiva! Eu já ia responder.

Raul entrou na conversa:

— É isso aí, cara. Você devia sair do colégio. Depõe contra todos nós.

As palavras dele foram tão fortes que até eu fiquei sem resposta. Quase desisti. De repente, tive uma surpresa. Nel perdeu aquele jeito de bicho assustado dos últimos tempos. Voltou a ser o meu amigo, que eu conhecia tão bem! Com voz forte, segura, ele disse:

— Não deponho nem nada nem contra ninguém. Aqui não é um tribunal, você não tem o direito de me julgar! Também não vou sair do colégio. Se quiser, saia você!

— Por que tanta história, cara? Você nem dura muito tempo!

Raul estava pegando pesado. Para minha surpresa, Nel continuou ainda mais firme.

— Até pode ser. Mas enquanto estiver aqui, neste mundo, minha vida vai ser legal. Vai valer a pena.

A reação de Raul foi extraordinariamente pavorosa:

— Se você não der o fora, junto uma turma. Vamos quebrar você inteirinho. Você e essa sua amiga de língua comprida.

Gelei. Era o tipo de ameaça que o Nel não poderia enfrentar. Ainda mais com a saúde frágil. E eu, como lutar contra um bando inteiro? De repente, outro personagem entrou em cena. O Joca veio do fundo, onde assistia a tudo. Ficou ao meu lado.

— Vai ter que me quebrar primeiro, Raul. Se quiser, junto uma turma também. Mas acho que não vai ser negócio para você.

Que dúvida! O Joca estudava numa turma um ano mais adiantada. Quando criança tinha sido raquítico. Por isso, desde cedo aprendia caratê. Depois de tantos anos, era um massa! Disputava até campeonato. Nunca tinha batido em ninguém, é verdade. O caratê segue a ética dos guerreiros, que proíbe surrar pessoas mais fracas. Luta, só em caso de legítima defesa. E agora... lá estava o Joca, do nosso lado! Ah, eu me senti como uma princesa sendo salva das garras do ogro!

O Raul disfarçou.

— Acho bom todo mundo se cuidar.

Ele, Cíntia e uma turma grande se reuniram em um canto. O Joca deu um tapinha nas costas do Nel e foi bater papo com o pessoal de sua classe. Na hora, não entendi o motivo de sua atitude tão heroica! Só mais tarde descobri que tinha boas razões! Mas isso eu conto depois!

O rapaz da lanchonete botou dois copos pra gente tomar refrigerante. Sem um pio. O Marcelo se aproximou. Ficou do nosso lado. Um ou outro colega passava. Sorria. Dizia alguma coisa. Só para demonstrar solidariedade.

Os alunos estavam, claramente divididos. Contra e a favor.

Nada mais voltaria a ser como antes!

O dia seguinte foi pior. Dona Mariana achou melhor me buscar novamente. Mal chegamos, percebi que o circo estava armado. Várias mães no portão. Eu e Nel nos entreolhamos. O inspetor chamou.

— Nelson, a direção quer falar com você.

— Vou junto — declarei.

O diretor nos recebeu com um sorriso preocupado.

— Raquel, que faz aqui?

Era óbvio. Não me queria na conversa. Expliquei:

— Estou sabendo de tudo. Sou muito amiga do Nelson.

Muito sem jeito, ele começou a falar. Uma delegação de mães tinha sido formada às pressas, depois que Cíntia e outros colegas falaram sobre a doença em casa.

— Telefonaram ontem de noite.

Continuou, meio se atrapalhando nas palavras. As mães exigiam a saída de Nel. Tinham medo de que numa brincadeira de pátio, ele se chocasse com alguém. Raspasse, contagiasse um colega. O diretor sabia que era impossível. Não se conhece nenhum caso de contágio desse tipo. Até atletas portadores do vírus continuaram a jogar!

— Mas estou sem ação — explicou. — Quem sabe o Nelson se afasta por uns tempos.

— Eu não vou embora do colégio — Nel respondeu tranquilamente.

O diretor arregalou os olhos.

— Pense melhor... talvez seja bom, para você descansar!

— Ontem nem dormi, o senhor fique sabendo. Pensei a noite toda. Resolvi. Vou batalhar minha vida. O senhor não pode me expulsar.

O diretor ainda quis encontrar uma saída.

— Preciso avaliar a situação. Quero resolver tudo amigavelmente.

Sáímos. Fomos para a sala de aula. O clima era muito parecido com o do dia anterior. Marcelo me olhou, assustado. Certamente, não esperava tanta confusão.

Os grupinhos no pátio estavam formados. Boa parte dos alunos nem falava com a gente. Quando as aulas acabaram, foi um alívio. Dona Mariana nos esperava.

— Mãe, que surpresa!

— Saí mais cedo do trabalho. Já sei de tudo.

Fomos para a casa do Nel. O professor Ismael estava lá. Fiquei surpresa. Mas refletindo melhor, tive certeza de que ele fora o primeiro a saber. Quando o Nel começou a faltar das aulas, tinha inventado uma história para disfarçar, não tinha!? Mal entramos, começou a conversa. Em resumo: fora o professor quem telefonara para dona Mariana. A situação estava muito difícil.

— As mães estão histéricas. O diretor não vai conseguir resistir à pressão.

Quase chorando, dona Mariana falou em abandonar tudo. Desistir da escola. Nel continuou firme. Era como se a crise o ajudasse a criar novas forças! O professor também concordou:

— É preciso ir até o fim, Mariana. Não só pelo Nelson. Mas por todo mundo.

Segundo disse, a aids é um problema com o qual os colégios terão que aprender a conviver. Existem as crianças que nascem contaminadas e têm direito a estudar. Adolescentes que se contaminam logo no início da vida amorosa. Ou por drogas.

— Quem é portador ou está doente não pode ser marginalizado!  
— afirmou.

— Mas e eu, como vou suportar? — perguntou dona Mariana.

Gentilmente, ele cobriu sua mão em um gesto de carinho.

— Um passo de cada vez, Mariana. Vamos aguardar os fatos.



No dia seguinte, na porta do colégio, havia uma passeata de mães. Cartazes do tipo: “Salvem nossos filhos”. Observando bem, não eram todas as mães. Formavam um grupo. O mesmo do dia anterior. Não pudemos entrar, tal a confusão. Nem houve aula. Mais tarde, dona Mariana recebeu um convite para falar com o diretor. Fui junto.

Ele sempre foi um bom sujeito. Estava confuso. Não queria magoar nenhum dos lados. Mas como enfrentar as mães fazendo passeata? Queria que dona Mariana arrumasse uma solução. Corajosamente, ela insistiu que a escola deveria proteger o Nel.

— Estudar é importante para ele ter um estímulo. Querer superar a doença. Se desistir, será péssimo para sua saúde.

Botei o nariz no meio da conversa.

— Ninguém suporta viver trancado em casa!

O diretor abanou a cabeça.

— Vocês estão tornando tudo muito mais difícil.

— E vai ficar mais difícil ainda — disse uma voz.

Eu e dona Mariana olhamos para trás, surpresas. Quem fizera essa declaração em tom tão imperioso? Ninguém mais senão o professor Ismael. Estava acompanhado por dois outros, Serena e Antônio. Em resumo: diante da crise, os professores tinham passado um abaixo-assinado contra a saída do Nel.

— Impedir que ele estude é nos colocar de volta na Idade Média — declarou Serena.

— Não existe caso de contágio entre alunos por estarem na mesma classe. Até mesmo nem em aulas de ginástica — completou Antônio.

Os três argumentaram com uma triste estatística. O número de casos de aids continuava aumentando. O Nel era o primeiro caso na escola. Poderia não ser o último. Talvez até existissem outros estudantes, portadores.

— O que a gente deve fazer é uma campanha de esclarecimento — disse Serena. — Falar sobre prevenção, uso de preservativos.

— Muitos pais serão contra — lamentou o diretor.

— Pior será deixar o Nel sair. Será uma atitude muito atrasada — afirmou Ismael.

— E quando surgirem outros casos, vão ser expulsos de novo? — perguntou Antônio.

Para Antônio, o melhor seria chamar alguém para dar uma palestra sobre o tema. Alguém de uma ONG (Organização não governamental) ligada ao tratamento e cuidados com os portadores. Que entendesse de prevenção.

— Eu e a Serena podemos conversar com as mães mais preocupadas — ofereceu-se.

Finalmente, Ismael tocou no argumento decisivo:

— Claro que se houver risco de contágio, temos que tomar precauções. Mas quem garante que não temos outros portadores aqui na escola? Gente que pode ter e não sabe? Portanto, temos que tomar as precauções de qualquer maneira. Com casos aparentes ou não!

O diretor suspirou, vencido.

Eu e dona Mariana fomos embora, vitoriosas! Abracei Nel. Declarei, feliz:

— Os problemas acabaram!  
Quem disse?



## 5. Guerra doméstica

Todos os dias, quando levanto, faço questão de tomar banho. Gosto da água morninha na pele. Fico mais ágil. Mais desperta! Na manhã seguinte, mal abri o chuveiro, ouvi umas batidas na porta. Era minha mãe, nervosa.

— Saia logo desse banho!

Corri me enxugar. O coração batendo forte. Seria alguma recaída do Nel? Entrei na sala de pé descalço, com as meias e os sapatos nas mãos. Puxa! Nunca tinha visto minha mãe tão nervosa!

— Que história é essa de você estar de namoro com um aidético?

— O quê?

— Ontem a Danúbia deixou recado com a vizinha, pra eu telefonar urgente. Hoje liguei, logo cedo. Você tem ideia do que ela me contou?

— A Danúbia, mãe da Rafaela?

— Existe outra Danúbia? Não se faça de desentendida, Raquel. Danúbia não é um nome comum, nem um pouco! Ela é muito amiga da Denise, mãe da Cíntia, que estuda com você. Ah, Raquel, estou tão nervosa.

— Mamãe, deixa eu falar!

— A Danúbia nem conseguia falar no telefone, de tão preocupada. Ainda bem que tenho uma amiga como ela, senão você nunca ia me contar, ia?

— Eu... eu...

— Mas ela mostrou que se preocupa comigo. Ela não me achava porque estamos sem telefone. Localizou a vizinha pelo endereço. Deixou recado. E agora fale, Raquel. Quero saber de cada detalhe!

A Cíntia contou tudo, não adianta mentir. Você está namorando um aidético! Um aidético!

— Não é nada disso. Não estou namorando ninguém.

— Espera aí, Raquel. Não minta.

— Estou dizendo a verdade.

— De onde a Danúbia ia tirar uma história dessas?

— Tem uma parte que é verdade. O Nel está com aids.

Ela ficou paralisada. Em choque.

— O Nel?

— Sempre disseram que a gente estava namorando! Mas não é verdade! É só porque somos muito amigos!

De repente, minha mãe começou a gritar, ainda mais nervosa.

— Nunca gostei que você andasse com aquele garoto pra cima e pra baixo. Ele é mais velho que você.

— Só um ano, mãe.

— E também muito atirado. Sabe que uma vez o seu pai viu o Nel num desses barzinhos cheios de jogos eletrônicos, lá no centro da cidade? O seu pai viu, e não gostou nada disso!

— Mas o que tem, jogar jogos eletrônicos?

— O problema é o tipo de gente que frequenta esses barzinhos. Nem é bom falar.

Minha mãe suspirou, completando:

— Alguma ele aprontou pra pegar essa doença!

Ergui a cabeça. Não, nem mesmo minha mãe poderia acusar Nel por ter ficado doente. Se eu acreditava que doença não era crime, tinha obrigação de dizer minha opinião.

— Mãe, você não vive dizendo que quem julga é Deus?

— Como foi que ele pegou?

— Não sei. Nem vou perguntar. Nem sei se ele sabe.

— Ah, saber ele sabe!

Eu também achava que ele sabia. Mas não era esse o problema. Eu queria lutar contra o preconceito de minha mãe.

— E se ele tiver feito uma transfusão há três anos? A gente não se conhecia antes disso.

— Na minha opinião, fez alguma bobagem.

— Pois bem, e se você estiver certa? Sei lá, ele é tão bonito! Pode ter conhecido alguém. E daí? O que a gente tem com isso?

Uma das estratégias da minha mãe é sempre levar o assunto para onde ela quer. Em vez de discutir meu argumento, torceu para seu lado.

— Exatamente. Não temos nada com isso. Problema dele. Finalmente concordamos.

— Concordamos?

— Deixe o Nel com seu próprio problema. Está acabado. Não quero que ande com ele, nunca mais. Nem vá à sua casa.

— Não é justo! Mãe, eu... eu amo o Nel!

Ficou lívida. Por que será que quando a gente fala em amor, as pessoas só pensem em paixão, namoro?

— Ama? Raquel, você disse que nunca foram namorados!

— Amo de um jeito diferente, mãe. Como se fosse meu irmão.

— Filha, você garante que... bem... que nunca...

Só então percebi que minha mãe tinha medo. Ela me amava. Seu amor transformara-se em preocupação. Sim, estava confusa. Mas eu não podia brigar, contestar, porque embaixo de suas palavras havia muito amor. Abri meus braços. Dei um abraço enorme nela. Pedi.

— Mãe... vai haver uma palestra na escola. Não é só você que está com medo. Muitos pais, muitas mães estão tentando entender o que está acontecendo. Você promete assistir?

Ela me abraçou.

— Ah, filhinha, fiquei tão preocupada. Disseram que você estava namorando um doente, que podia... que podia estar com o vírus também! Quando falei com a Danúbia, hoje cedinho, chorei tanto!

Continuou, com a voz embargada.

— O mundo é muito mais difícil que em minha época, Raquel. Tenho tanto medo por você!

Sentamos. Calmamente, falei com ela sobre tudo que tinha lido. Sobre a assistência que estava dando ao meu amigo. Continuou preocupada, mas pareceu entender. Conversamos tanto que naquele dia, perdi as aulas.

Mais tarde, quando meu pai chegou para o almoço, tivemos outra conversa difícil. Ao saber de tudo, ele foi rígido. Não queria que eu visse o Nel, nunca mais. Do meio da conversa em diante, foi amolecendo. Meu pai é sempre assim. Parece um daqueles chocolates com recheio de licor. Quando a gente morde, sente a crosta dura. Em seguida, amolece completamente. Os dois garantiram que iriam à palestra. Insistiram muito para que eu me cuidasse.

Depois, meu pai contou uma história que tinha acontecido em seu emprego. Um rapaz, casado, com dois filhos, descobriu que estava doente. Assim como o Nel, de repente, pois não imaginava ser portador do vírus. Faleceu depressa. A mulher estava contaminada. O filho mais novo, ainda bebê, também. Uma tragédia.

— Essas histórias são cada vez mais comuns — comentou. — Ninguém está livre, se não tomar muito cuidado.

Acabaram concordando que era impossível fugir da realidade. Ela sempre bate em nossa porta. Melhor enfrentar os problemas.

— Quanto antes você aprender tudo sobre os cuidados, Raquel, será melhor. Fale com sua mãe.

Pra quê? Minha mãe ficou vermelha. Sempre teve uma enorme dificuldade em falar desses assuntos. Quase ri observando sua expressão. Teria coragem de falar a palavra preservativo? Em que situação ele deveria ser usado? Tentei dizer que já sabia o principal. Mas ela estava decidida a ter uma conversa mais íntima.

— Filha, nunca escondemos nada de você. Mas eu tive uma educação diferente, minha mãe nunca falou dessas coisas comigo. Eu tentei explicar o principal, quando você começou a crescer, mas... será que eu expliquei direito?

— Acho que sim, mãe. Você foi o máximo. Eu sei do que você quer falar. E também, minhas amigas falam muito disso, o tempo inteiro.

Bem, as explicações dela não tinha sido o máximo. Mas o mínimo. Ainda bem que uma das minhas professoras era bem liberal. Quando eu tive dúvidas, conversei com ela. Abri meu coração. Junto com as explicações de mamãe, eu tinha uma boa ideia sobre a vida de um casal. Mamãe continuou.

— Preciso que seja franca, Raquel. Muito franca.

O que vinha agora?

— Minha filha, eu juro que não vou ficar brava. Contente também não. Mas vou tentar ser sua amiga. Entender. Você... bem... enfim... você já se interessou assim, um pouco mais... por um rapaz?

Quase soltei uma risada. Mamãe queria ir mais longe. Estava cheia de dedos. Como sempre, ao falar desses assuntos. Queria saber da minha intimidade. Facilitei a conversa.

— Mamãe, eu sei sobre o que você quer falar.

— Sabe?

— Você quer saber se eu já transei.

Ah, como ficou vermelha! Pobre mamãe. Eu também fiquei igual a um tomate. Mas queria ir direto ao ponto.

— Pode ficar sossegada. Nunca namorei de verdade, mamãe. Nem tive... muita intimidade com um rapaz. Só... só beijei uma vez.

— Beijou? Quem?

— Ah, faz tempo. Olha, foi... foi ridículo. Quase engasguei de falta de ar.

Ri, lembrando do meu beijo no cinema. Uma comédia. De repente, mamãe também riu aliviada.

— Filha, eu sei que os tempos são outros. Eu só quero que você pense bem no que fizer. Tome cuidado se... se alguma coisa acontecer.

— Eu já li tudo que precisava sobre a transmissão da doença, mamãe. Muitas mulheres pegam dos namorados... até dos maridos... através do sexo.

— Também já li, filha. É horrível, pois às vezes a mulher nem sabe que o marido tem outras relações. De um dia para outro, descobre que tem o vírus.

— Eu acho bom que os jornais e revistas falem tudo. Pegar uma doença horrível por ignorância é um absurdo. Ainda mais por falso moralismo!

A atitude de mamãe mudou completamente. Parecia surpresa.

— Você é mais adulta do que eu pensava, Raquel.

Por que será que os pais têm tanta dificuldade em ver que a gente está crescendo?

Papai reapareceu, mexendo um café que já devia estar gelado. Foi só a gente terminar a conversa, e ele veio da cozinha. Bem calmo. Ah, aposto que ouviu tudo! Depois dizem que só as mulheres são curiosas!

Durante a tarde, li e adiantei alguns trabalhos.

No fim do dia, tocou a campainha. Abri a porta, surpresa. Nunca tínhamos visitas.

— Marcelo!?

— Oi, desculpe. Eu ia passando...

Ri. Essa era demais.

— Não vem com essa, Marcelo. Ninguém passa por acaso numa lonjura dessas. Que foi?

— Você faltou à aula. Eu e o Nel ficamos preocupados.

Ele entrou. Desfiei toda a história. Fiz um chá para nós dois. Conversamos sobre o Nel, e também vários assuntos. Estranhei uma coisa. Eu contava tudo sobre meus pais. Minha vida. Em nenhum momento ele falou da mãe. Ou do pai. Dava a impressão de que não tinha casa. Nem família. Só falava sobre assuntos fora da família, fora da sua vida pessoal. O colégio. Amigos. Filmes. Fiquei curiosa.

— Por que você nunca fala nada de você?

— Eu?

— Da sua vida, Marcelo!

— Não tenho muito que falar.

Foi quando mamãe voltou. Tinha ido às compras. Explico: mamãe trabalha como vendedora autônoma. Já tentou uma porção de produtos. Hoje está se dando bem com uma marca de produtos de limpeza. Bate na porta dos clientes. Oferece um pacote de produtos que dá pra um mês. A ótimo preço. Como já tem um grupo de fregueses fixos, pode se dar ao luxo de trabalhar só algumas horas por dia. Não ganha muito. Mas tem liberdade.

É surpreendente, minha mãe. Morre de medo que eu namore. Ou que faça alguma coisa arriscada. Mas também sabe ser amiga. Torce por mim. Quando falo de algum garoto que conheci, quer



saber detalhes. Como uma colega de colégio. No fundo, é como uma daquelas mães antigas. Gostaria de escolher meu futuro marido. Quando viu o Marcelo, deu seu melhor sorriso. Talvez por ter estado tão apavorada de medo que eu tivesse namorado o Nel, encantou-se com o Marcelo. Fingiu estar brava, por eu não ter oferecido um lanche completo. Correu fazer torradas. Uma mania, desde que ganhou a torradeira de Natal. Adora servir torradas com geleia para as visitas.

Em minutos, estávamos os três sentados na cozinha. Cercados por um lanche completo, igual a de um hotel! Mamãe contou piadas de trabalho. Descreveu os clientes mais chatos. Falou de seus métodos de venda. Quando terminamos, outra surpresa. Marcelo levantou e foi lavar as xícaras, pratos e talheres.

— Deixa que eu faço — disse eu.

— De jeito nenhum. Você fez chá. Sua mãe, as torradas. Agora é minha vez.

Estranhei. Nunca tinha visto um rapaz levantando para lavar a louça, na maior boa vontade! Às vezes, em festas de fim de ano, os homens ajudam. Mas é um trabalhão fazer com que sigam o caminho da pia! Marcelo, não. Tinha prática! Em minutos, terminou.

— Você lava a louça muito bem — comentou mamãe.

— Em casa, faço todo o tipo de serviço — disse ele.

Não entendi. Como podia fazer o trabalho doméstico? Era mais um mistério sobre a intrigante personalidade de Marcelo. Ou sobre sua casa. Observei seu rosto. Cabelos pretos. Sombrancelhas grossas. Pele branca. Parecia nunca tomar sol. Bonito, mas um tanto parado. Lembrei do ditado: “águas paradas são as mais profundas”. Mentalmente, comparei seu jeito com o de Nel, tão extrovertido. Senti também uma emoção diferente. É legal ter um amigo preocupado com a gente. Capaz de vir até minha casa só para saber se estou bem. Puxa, às vezes vale a pena não ter telefone. Senão, ele não estaria ali.

Pouco depois, Marcelo se despediu.

Mal ele saiu, minha mãe falou, agitada.

— Esse daria um bom namorado!

— Mãe, hoje de manhã você tremia só de ouvir a palavra namoro. Agora, só porque o Marcelo lavou a louça, quer me casar com ele?

Assumi um ar sabido.

— Tenho intuição, Raquel. Desse eu gostei.

Fiquei sem jeito. Talvez fosse melhor que ele não tivesse vindo me visitar. Mamãe já sorria, ainda mais animada.

— Além do mais, homem que lava louça é loteria! Você está certa. Quando ele abriu a torneira, me ganhou!

Quando fui dormir, pensei muito sobre o Marcelo. Nunca tinha olhado para ele duas vezes. O brilho de Nel não me deixava enxergar mais ninguém. Ficava horas e horas conversando com ele. Éramos o tipo de amigos para quem o assunto nunca se esgota. Com o Marcelo, estava descobrindo outro tipo de sentimento. Não era de falar tanto, de comentar tudo. Durante nossos papos, havia longos intervalos de silêncio. Mas eu podia contar com ele. Tinha certeza! Se precisasse, poderia chorar no seu ombro. Dentro do meu peito surgiu uma sensação cálida. Delicada.

Segundo mamãe, era óbvio que ele estava interessado em mim. Eu não achava tão simples. Estávamos unidos pela amizade ao Nel. Pela preocupação com a doença. Talvez fosse só isso.

Mas, dentro de mim, uma vozinha dizia:

— Ele gosta de você, Raquel!

Sorri. Antes de dormir, continuei lembrando de seus traços. Seus olhos gentis. A boca tímida. A mania de coçar a orelha quando ficava sem saber o que dizer. Adormeci. Sonhei. E foi uma noite ótima!



## 6. Os bons tempos voltaram

As semanas seguintes foram inesquecíveis. As nuvens negras que andavam cercando nossas vidas pareceram se dispersar de uma vez só. O Nel, de uma hora para outra, parecia ótimo. Continuava tomando a medicação. Ficou até mais gordo do que antes de surgir a doença. Os momentos de confusão, em que trocava as palavras, diminuíram. Quase desapareceram por completo. Sentia apenas um grande cansaço nas pernas. Mesmo assim, chegou a jogar umas partidas de futebol. Um grupo o rejeitou, com medo dele se ferir no jogo. Boa parte da turma lembrou-se de um grande atleta americano, portador do vírus que jogou anos a fio. Concordou em tê-lo no time.

Pouco a pouco, a gente até se esqueceu de que ele estava doente. Ou melhor, fomos nos acostumando com a ideia. Ele parecia tão bem que quase não se pensava nisso.

Os professores Ismael, Antônio e Serena organizaram um ciclo de palestras sobre aids, em todas as classes. Trouxe um rapaz de uma ONG (Organização Não Governamental), que tinha um grupo de apoio aos doentes. Falou um tempão sobre o assunto. Tudo que ensinaram, eu já sabia. Mas foi bom para lembrar. Firmar opinião. E também ajudou as pessoas a perderem o preconceito.

Eu sempre visitava o Nel. Passava longas horas com ele, em sua casa. Marcelo me acompanhava. Muitas vezes, eu me virava e via o Marcelo me observando com aquele jeito gentil. Quando estava sozinha com o Nel, ele brincava:

— O Marcelo fica derretido perto de você.

Eu ria.

— Pura impressão, Nel. Ele nunca fez nenhuma tentativa.

— E se ele fizer?

Confessei.

— Se ele fizer, eu penso.

— Pois eu tenho certeza de que ele está a fim de você.

Rebati.

— O que você entende dessas coisas?

Nel ficou sério. Revelou.

— Mais do que você pensa.

Então... havia alguém! Quis saber:

— Você já se apaixonou, Nel?

Ficou em silêncio. Abriu uma cartela de jogo. Ofereceu.

— Topa uma partida?

Novamente, sem resposta! Se ele gostava tanto de mim, por que não contava tudo? Talvez fosse até melhor, desabafar.

Uma vez Nel foi agradecer ao Joca, por ter nos defendido naquele dia. O rapaz foi seco.

— Tudo bem.

Não conseguimos entender por que tinha ficado do nosso lado. Nunca tínhamos sido amigos. Mesmo agora, não queria papo. Era um mistério.

Por falar em mistério, o da vida do Marcelo também continuava. Apesar de estarmos mais próximos, mais amigos, nunca me convidava para ir à sua casa. Lógico que eu sabia onde ele morava. Era uma bela casa, grande, de muros altos. Compreendi que havia algum segredo. Algo que preferia guardar para si próprio. Muitas vezes, eu notava: ficava em silêncio, pensativo, como se tivesse um grande problema a resolver.

No fundo, sou séria demais. Algumas amigas minhas iriam atazanar o Marcelo, até desvendar seu mistério. Mas eu sou como minha mãe. Ela nunca foi do tipo capaz de ficar de olho na vida dos outros. Sabia respeitar até meus segredos. Por mais que morresse de curiosidade sobre tudo que se referia a mim! Assim, eu nunca me achei no direito de botar o nariz na vida dos outros. Mas curiosidade eu tinha. Ninguém é de ferro!

Foram tantas as emoções, naquela época. Como disse, às vezes até esquecia da doença do Nel. Também pensava em Marcelo. Outras vezes, a realidade me puxava pela perna. Doía, doía muito! Como no dia em que batemos papo sobre profissões. Falei dos meus planos de fazer faculdade. Nel pegou minha mão. Apertou.

— É nessas horas que fico deprimido, Raquel. Meu tempo é limitado. Eu não chego lá!

Tentei dizer alguma coisa bonita. Engoli em seco. As palavras não saíram. Com um fio de voz, falei da esperança.

— Que é isso, Nel? Você está bem, está forte. Pode segurar a doença um tempão. Até lá, quem sabe, surge um remédio definitivo. Você vai sarar!

Ficou quieto um bom tempo. Andava lendo muito sobre as pesquisas de aids. A cura definitiva ainda estava longe. Lembrou:

— Raquel, a gente não pode esquecer que os remédios pesquisados ainda vão demorar muito para chegar até a gente. E também... eu tenho essa outra doença... que se instalou porque minha imunidade estava muito baixa. Acho que agora não tem conserto.

Quase chorei. Ele continuou:

— É preciso ser muito rico para pagar exames, internações. Eu dependo só do governo. Espero que ele continue melhorando o serviço de assistência, cada vez mais!

Segurei forte nas mãos dele.

— Por que pensar nisso agora? Estamos bem, estamos felizes!

— Não dá para ficar bem, sem saber o que vai acontecer comigo amanhã. Eu dou risada, brinco, Raquel. Mas também sinto uma grande angústia.

Ficamos nos olhando. Era uma confissão especial.

— A vida ficou bem mais difícil, Raquel. A gente está começando a vida. E temos que enfrentar esse risco. Eu... eu peguei o vírus porque não tinha informação, não pensei no assunto, não tomei cuidado.

Sua voz ficou estrangulada.

— Não deixe acontecer com você!

Quanta emoção! Senti que apesar de tudo, ele estava preocupado comigo. Justamente comigo, que estava bem!

Pessoalmente, não sou do tipo que vive louca por experiências diferentes. Nesse sentido, sou o oposto do Nel. Meu amigo sempre gostou de ir atrás do desconhecido. É horrível pensar que pessoas como ele possam ser punidas com a doença porque estão tentando ser mais livres. Encontrar a felicidade, do jeito que for melhor para elas. Em seguida, pensei melhor. Para ser livre, é preciso saber tomar cuidado. Enfrentar os desafios. Evitar o vírus era um desafio, muito grande. Mas não podia impedir a felicidade. Então, conclui: “a doença não pode ser vista como punição! É errado pensar assim. Todo mundo tem direito de buscar seu próprio caminho. Ninguém precisa ser robô! Só precisa se cuidar!”

Fala-se ainda do tempo dos *hippies*, que tentaram romper com tudo. Depois, veio outra geração, mais interessada em ganhos materiais. Dinheiro, consumo, roupa de *grife*. Quem sabe, a minha geração vá buscar novos valores!

Eu e o Nel falamos sobre tudo isso. A gente poderia ter conversado mais e mais. Horas a fio sobre nossos pais, que tentam ser tão certinhos, ainda mais que nossos avós. Nossos pais, preocupados com tudo tão seguro. E nós, com tanta vontade de nos libertar, de criar um mundo mais bonito! Mas Nel botou a teoria de lado. Emocionou-se:

— Raquel, eu não quero mais pensar no futuro. Sobre o que vai acontecer comigo. O que vale é a solidariedade. É ter uma amiga como você.

Ai, ele me abraçou. Passou um tempão com a cabeça no meu ombro.

Nunca vou esquecer daquele dia, daquela conversa, de seu desabafo. De nosso momento de carinho.

Na mesma noite, a doença atacou de novo, implacável.



## 7. Rastro branco

Simplesmente, ele começou a vomitar. Não conseguia segurar nada no estômago. Quando cheguei à sua casa, dona Mariana não estava muito nervosa. Parecia ser apenas uma daquelas indisposições que acontecem quando alguém toma muito remédio. Fui comprar pastilhas efervescentes. Dona Berta fez chá de erva-cidreira. Quando ele foi tomar, dona Mariana estranhou. A língua estava completamente branca! Olhei. Também vi.

Não era uma brancura normal, dessas que a gente tem quando toma leite ou escova os dentes. Parecia um bloco de cal grudado. Pensativa, dona Mariana telefonou para o médico. A avó ainda achou que era besteira se preocupar.

— Isso aí é sapinho, dá em criança — comentou. — Eu mesma limpo, com bicarbonato.

A opinião do médico foi completamente diferente. A gente ouve e aprende. Na aids, certas doenças absolutamente corriqueiras, coisas que a gente nem nota, tornam-se muito perigosas, quando a resistência do doente está baixa. O sapinho, por exemplo. Muita criança tem, mas é fácil de curar. Normalmente o corpo humano possui muitas defesas. Para o paciente de aids torna-se uma tragédia. O sapinho toma a boca, o estômago e o esôfago. Impede a passagem de alimentos. Pelo telefone, o médico deu a receita. Era um remédio que podia ser comprado diretamente. Fui com dona Mariana até a farmácia.

Surgiu o primeiro problema. Não tinha. Era um remédio difícil de achar. Saímos procurando. Batemos em três farmácias. Quando o

remédio chegou, Dona Mariana tirou o talão de cheques da bolsa, tranquila.

— Quanto é?

Até eu quase desmaiei. A caixa com oito comprimidos custava uns dois salários mínimos. Ele precisava tomar dois por dia. Portanto, cada caixa daria para quatro dias! Só quatro dias! Dona Mariana ficou branca. Fez o cheque. Pagou. Quando entramos no carro, começou a chorar.

— Não vou ter dinheiro para mais de três caixas — confessou. — Estou a zero no banco.

— Mas cura logo, não cura?

Enxugou as lágrimas, corajosa. Explicou que não ia passar. Nel teria que tomar o remédio até o fim da vida. Quando os sintomas diminuíssem, seria apenas um por dia. Mesmo assim, era caríssimo. Tentei consolá-la:

— O governo não tem um sistema para distribuição de remédios, gratuitamente?

— Já verifiquei. Este não está na lista.

— A gente procura entidades, postos de saúde. Alguém há de ajudar.

Ficou silenciosa. Triste. Senti profundamente o seu desespero. Como comprar o remédio?

A ajuda veio de onde eu menos esperava. Comentei com Marcelo, no dia seguinte, sobre a recaída do Nel. Falei do remédio. Ele coçou a cabeça. Na saída, tive uma surpresa. O Joca veio falar comigo.

— Raquel, fiquei sabendo da história do remédio. Acho que tenho duas caixas pra você.

Fiquei pasma. Como podia saber do nome do remédio? Ainda por cima, ter em casa?

— Posso ir pegar agora?

Fomos. Eu, ele e o Marcelo. Como já contei, quase toda a turma morava nas imediações da escola. Esperei no portão. O Joca trouxe as caixas. Uma estava aberta. A outra não. Encarei, espantada. Só soube dizer:

— Obrigada.



Joca fez um sinal com a mão. Entrou. Olhei para o Marcelo.

— Você não vai contar o que está acontecendo?

Ele hesitou.

— Marcelo, como você sabia que o Joca podia nos ajudar?

Continuou em silêncio. Caminhamos. Exigi.

— Perdeu a confiança em mim?

Finalmente, ele revelou:

— O Joca perdeu a irmã há três meses. Era casada. Morreu ela, o marido, e o filho menor está com o vírus da aids. Parece que a irmã descobriu na hora certa, mas não tomava o remédio como devia. Perdia a hora... parava de tomar... não aderira ao tratamento.

— Então... ela nem deu chance a ela mesma! Se não seguiu o tratamento... não tomou os remédios... é claro que a doença atacou!

Marcelo concordou:

— Eu sabia faz tempo. Mas ele não quer que espalhem a história.

— É por isso que ele está sempre do nosso lado?

Fez que sim.

— Com a história da irmã, ele aprendeu a encarar o problema. Mas você não pode esquecer que ele sempre foi amigo do Nel. E meu também. Quando você me contou do remédio, falei com ele. Ver se dava uma luz.

Para o Marcelo, o único jeito de combater a doença era formar uma espécie de corrente. Quem teve alguém doente na família, sempre pode doar os remédios que não são mais usados. É uma forma de um ajudar o outro. Em seguida, me mostrou um papel. Era o endereço de uma associação de ajuda aos portadores e doentes.

— Quem sabe a família dele consegue algum apoio?

Ninguém pode imaginar a expressão de dona Mariana quando cheguei com o remédio. Ela me abraçou forte. Deu um beijo no Marcelo. Nel também nos apertou as mãos. Era um hábito que vinha desenvolvendo. Dona Berta fez um chá e trouxe com bolo. Só eu e Marcelo pudemos comer. O Nel não estava segurando sólidos no estômago. Observei seu corpo. Tinha emagrecido novamente.

Voltei para casa com o coração dolorido. Deitada na cama, eu tentava encontrar uma solução. É nessas horas que a gente se

lembra das histórias de fada. Fica torcendo para surgir uma na nossa frente. Com varinha de condão. Mas também é quando a gente descobre que a magia não se manifesta através das coisas materiais.

Os antigos alquimistas falavam muito em transformar chumbo em ouro. Imagino que era uma maneira de falar de nossos sentimentos. Convivendo com o Nel, eu estava descobrindo que ficar ao lado dele era bom para mim. Dar amor e solidariedade não era apenas um gesto que eu fazia para ele, como amiga. Não, o gesto tinha uma repercussão no meu modo de ser. Ecoava dentro de mim mesma. E me tornava uma pessoa melhor. Cada ato de solidariedade mudava minha visão do mundo. O chumbo se transformava em um sentimento mais refinado: o ouro.

As histórias dos alquimistas falavam também do coração de cada um. É no laboratório que temos em nosso interior que nos tornamos capazes de depurar os sentimentos. As coisas que a gente vive. As experiências. E transformar tudo naquilo que merece ser: ouro. Todos aqueles sentimentos novos me fizeram olhar a história de Cristo de outra maneira. Sempre tinha achado esquisita aquela história de dar a outra face. Como alguém pode levar um tapa e oferecer a outra face?

Só agora eu começava a entender que o gesto de Cristo, simbólico, se referia a alguma coisa mais importante. À necessidade de aceitar as experiências difíceis, que nos agredem. E não fugir delas. Pelo contrário. Enfrentá-las com toda a sua dor. Porque é através delas que crescemos e nos tornamos pessoas melhores. Não se deve fugir da dificuldade. Mas como faziam os heróis dos contos de fadas, enfrentar o dragão.

Meus sentimentos confusos estavam tomando forma. Começava a viver uma comunhão profunda comigo mesma. Aceitar a tristeza pode ser uma forma de felicidade.

Mais decidida, no dia seguinte fui com Marcelo à associação de ajuda aos doentes de aids. Era uma casa grande. Na entrada, explicamos o problema do remédio. Fomos encaminhados à assistente social, uma moça nordestina chamada Maria Augusta.

Apesar de atarefada, nos tratou gentilmente. Quando falamos do problema do remédio, suspirou fundo.

— Temos muitos problemas com remédios como esse. São muito caros.

A associação não tinha verbas. Muitos doentes necessitavam justamente desse remédio. Deu o endereço de um hospital do governo, onde o Nel podia ter tratamento gratuito. Prometeu nos colocar na lista. Se houvesse doação desse medicamento, receberíamos algumas caixas. Mas foi ela quem acabou dando a ideia salvadora:

— Por que vocês não se cotizam com o pessoal da escola? Levantam dinheiro para ajudar seu amigo?

A ideia me arrepiou. Inicialmente, pensei que o Nel morreria de vergonha. Mas o Marcelo não parava de pensar no assunto.

— Parece que as pessoas têm vergonha de falar em dinheiro. Eu não vejo problema nenhum! E se a gente fizesse uma rifa?

— Não sei...

Pensou mais um pouco:

— Que tal um pedágio?

Como eu não tinha pensado nisso antes? Era uma boa ideia. Por uma questão de respeito, achei melhor consultar o Nel. Fomos até sua casa. Quando começou a falar, observei sua língua. Tinha um rastro branco. Pior: falava com dificuldade.

— Vocês são muito legais.

Foi só o que conseguiu dizer. Começou a tossir. Dona Mariana correu. Demorou para ele superar aquela crise. Estranhamos.

— Ontem ele não estava assim!

— Essa doença é assim mesmo. Tudo acontece com uma rapidez impressionante. Essa coisa branca que apareceu na língua é um sintoma. A prova de que ele está sem defesa alguma. Os remédios não estão funcionando.

Suspirou, arrasada. Continuou:

— Se vocês forem fazer o pedágio... eu agradeço muito. Já raspei até a poupança. São muitos os gastos com médico, remédios, cuidados especiais, alimentação. Estou quebrada.

Assim que saímos, eu e o Marcelo fomos organizar as ideias sobre o pedágio. Ele propôs irmos até meu apartamento. Era bem mais longe. A casa dele ficava tão perto!

— Por que você nunca quer que eu vá até sua casa?

Tentou disfarçar. Disse que não era nada daquilo. Mas que... de repente, parou de falar. Como se não tivesse condições de continuar a frase.

— Marcelo, você tem algum segredo?

Abanou a cabeça.

— Qualquer hora eu conto. Outro dia.

Quase mordi a língua de curiosidade. Não sou de ferro. Mas seria feio insistir. Falta de solidariedade. Se ele não queria contar, eu não podia insistir! Como no caso do Nel. Eu ardia de vontade de saber como ele pegou a doença. Respeitava seu segredo, por um motivo muito importante. A desgraça não pode ser transformada em fofoca.

Estava aprendendo a transformar o chumbo do meu sentimento em ouro. Também precisava aprender a vencer a mim mesma. É difícil, mas vale a pena.



## **8. O pedágio**

Incentivados pelo Marcelo e pelo Joca, os amigos mais próximos entraram na história do pedágio. Não pudemos executá-lo imediatamente porque entramos em um período de provas, trabalhos em grupo etc. Esperamos chegar o fim de semana.

Com a doença, as coisas mudam imperceptivelmente. Quando a gente percebe, é como se tivesse descido os degraus de uma longa escada. Da outra vez, quando o Nel faltou às aulas vários dias seguidos, nos preocupamos em levar as matérias. Alguns professores fizeram perguntas. Agora, ninguém comentou, como se a doença tivesse começado a fazer parte do cotidiano. Instintivamente, sabíamos que ele não ia voltar.

Muita gente fala que a aids demora. Pode durar anos. É verdade. Quando a pessoa toma os remédios, de acordo com a indicação médica, pode viver longos anos. A falha no tratamento é terrível. Cobra um preço muito alto. Ou quando ela se instala de maneira inesperada, como no caso do fungo que atacou meu amigo. Dentro do meu coração, sabia que no ano seguinte Nel não estaria na mesma classe, conosco. Todo mundo parecia sentir da mesma maneira. Ninguém tocava no assunto, como se fosse um tema tabu. Em compensação, um bom número de colegas quis ajudar no pedágio.

Fizemos faixas, bem grandes, pedindo:

“AJUDE NOSSO AMIGO”

“CONTRIBUA PARA UMA GRANDE CAUSA: A VIDA!”

No sábado, fizemos pedágio. Ficamos na esquina de uma avenida bem movimentada, lá dos lados do colégio. Quando os

carros paravam nos faróis, corríamos. Por sorte não tivemos de enfrentar uma multidão de camelôs na mesma esquina. Sorte ou cabeça boa! O Marcelo e o Joca fizeram questão de escolher uma esquina vazia, de bairro. Foi sensacional. Muita gente, é claro, desconfiava:

— É pedágio para tomar sorvete mais tarde?

É incrível. As pessoas ficam sabendo de tantas safadezas que começam a duvidar de todo mundo. A gente explicava, com toda a coragem:

— É para ajudar a comprar remédios para um amigo com aids.

Muitos nem abriam o vidro. Não queriam ouvir nosso pedido. Mas havia um bom número de pessoas interessadas, que acreditavam em nossas palavras. Procuravam nos bolsos e tiravam algumas notas ou moedas. Não muito. Mas a gente não precisava muito de cada um. E sim, pouco de muitos!

Foi um longo dia, sob o sol escaldante. Na hora do almoço, nos revezamos. Para acelerar as coisas, resolvemos que cada três comeriam na casa de um. Uma parte almoçou. Depois, foi a vez do outro grupo. Como a casa do Marcelo era perto, o Joca pediu:

— A gente pode ir almoçar na sua casa?

Novamente, ele recusou. Totalmente sem jeito.

— Pena, mas não dá.

Foi um constrangimento geral. O Joca também não podia levar ninguém, porque a mãe andava muito ocupada com o neto doente. (Mais tarde fizemos um pedágio para ele também, mas isso é outra história). Tivemos que almoçar no meu apartamento, o mais distante. Mamãe estava nervosíssima.

— Filhinha, o que minhas amigas vão dizer se descobrirem que você está fazendo pedágio?

Silencieei. Em certos momentos, não adiantava teimar com mamãe. Para minha surpresa, Joca me defendeu:

— Vão dizer que você tem uma filha maravilhosa. A movimentação que ela fez na escola por causa do Nel, ninguém vai esquecer. Nunca!

Mamãe arregalou os olhos. Examinou o Joca de alto a baixo, aprovando. Vi em seus olhos. Já estava pensando em casamento

para mim de novo! Como se eu tivesse idade para casar! Marcelo fuzilava Joca com o olhar. Fiquei afogada em felicidade. Todo mundo gosta de um bom elogio. Mas disfarcei.

— Joca, só fiz o que qualquer amigo faria.

Então, Joca resolveu se abrir. Contou para todos nós a história da doença de sua irmã, seu cunhado e do bebê. Aparentemente, o cunhado tinha pego o vírus numa transfusão de sangue, há muito tempo. Depois de um acidente de carro. Falou do sofrimento da família. Como tinha sido difícil enfrentar o preconceito, até nos hospitais. Viver com o doente. Quase chorou.

A irmã ficara muito deprimida com a morte do marido, e com o filho, que nasceu com o vírus. Se ela tivesse descoberto antes, poderia ter feito o tratamento e a criança nasceria sem nada. Mas tudo aconteceu tão de repente, de forma tão inesperada. A irmã deixara de fazer o tratamento. Fazia um mês, parava outro. Esquecia de tomar os remédios. O resultado, todo mundo já sabia. Tinha ido embora também. A família estava cuidando da criança.

O clima ficou pesado. Para amenizar, mamãe serviu um pudim que fizera para o jantar. (Papai ia receber um casal de amigos naquela noite). É maravilhoso como minha mãe pode ser surpreendente. Depois de dar uma de preocupada com a história do pedágio, mudou completamente de atitude. Deu a maior força para o Joca. Disse estar feliz porque eu sabia ser tão solidária. Contou que estava lendo e se informando sobre a doença. Não tinha mais medo que eu pegasse. E me amava, porque eu era capaz de ser tão amiga do Nel.

Minha mãe é o tipo de pessoa que primeiro se preocupa. Depois sente. Quando se preocupa, é lógica, fria. Mostra seus medos e preconceitos. Um segundo depois, seu coração fala mais alto. Fica falante, amorosa. Cheia de coisas bonitas para dizer. A vantagem é que o sentimento sempre triunfa sobre o preconceito. E mamãe se transforma em uma pessoa adorável. Tão adorável que Marcelo empalideceu de tanto ciúmes de Joca. Mamãe queria tanto incentivar nossa amizade — minha e de Joca — quanto há algum tempo tinha estimulado pelo Marcelo. Ele estava abandonado em

um canto da mesa. Tentei mudar de assunto. Logo depois do pudim, lembrei:

— Precisamos voltar ao pedágio.

Na saída, mais uma surpresa. Mamãe pegou umas notas da bolsa. Deu ao Joca.

— Como não tenho carro, fica valendo como meu pedágio!

Voltamos. Fiquei horas na esquina. Pedindo. Falando com as pessoas. Alguns faziam perguntas sobre aids. Tentava responder o melhor que podia. Outras pediam um telefone de informações. Dava o da entidade que conhecia. Havia mais preocupação com a doença do que eu podia imaginar. Como se todo mundo conhecesse alguém com o vírus. Ou soubesse de uma história próxima.

Quando contamos o dinheiro, havia uma boa quantia. Resolvemos ir em grupo até a casa do Nel, para evitar desconfianças. Entregaríamos o resultado do pedágio juntos! Ao receber o dinheiro, dona Mariana começou a chorar. Explicou que não poderíamos visitá-lo em grupo naquele momento. Estava muito fraco. Mas, de um em um, poderíamos vê-lo da porta. Enviar um beijo, nada mais.

Eu me surpreendi. Há alguns dias ele até que estava bem! Um a um, todos foram na minha frente. Voltavam com uma expressão triste. Meu coração apertou. Finalmente, chegou minha vez. Tinha ficado por último porque sabia que dona Mariana me deixaria ficar algum tempo a mais com ele. Entrei no quarto. Levei um choque. Tinha emagrecido de uma maneira absurda. Pálido. Me olhou com tristeza absoluta. Não nos falamos. Peguei sua mão. Apertei com força. Beijeí sua testa. Ele tentou sorrir. Ia falar alguma coisa. Senti um toque de dedos no meu ombro. Olhei para trás. Era Marcelo.

Eu me levantei e o segui para fora.

Estávamos todos muito emocionados. Eu e Marcelo fomos embora, caminhando. Estava calado, estranho.

— Que houve? Por que nem fala comigo?

Fez um esforço. Respondeu, sinceramente.

— Sei lá... você passou o almoço todo fazendo charme pro Joca.

— Eu?

— Nem parecia que eu estava na mesa!



Ele estava com ciúmes, e não tinha vergonha de dizer! Senti um calorzinho no peito. Esperei que dissesse alguma coisa. Não abriu a boca. Ficou me olhando, mudo como um peixe. É incrível. Vivem dizendo que nós, mulheres, somos o sexo frágil. Os homens muitas vezes parecem bem mais frágeis que a gente! Principalmente nas situações amorosas. Vou ser sincera. Já tinha passado pela minha cabeça namorar o Marcelo. Precisa de um incentivo. Um empurrão. Ou ele pretendia que eu me declarasse? Francamente!

Olhei diretamente nos olhos dele. Até cansar. Ele olhou de volta. Fiquei pensando: quem vai resistir mais tempo? Mas, em vez de fazer uma declaração maravilhosa... falar alguma coisa bonita... ele ficou mudo! Depois, pôs a mão no meu ombro, gentilmente. Foi aproximando o rosto. Quando percebi, estava prestes a me beijar! Afastei o rosto, depressa.

— Que negócio é esse, Marcelo?

Respirou fundo. Pensei que fosse sair voando, tanto era o ar inspirado. Assustado e nervoso, como se tivesse visto um fantasma, conseguiu dizer:

— Gosto de você, Raquel.

Quis tentar me beijar de novo! Dei um passo para trás. Depois de ter falado o principal, parecia que ele tinha ganho coragem! E se abriu todo:

— Quero beijar você.

Fiquei nervosíssima. Dar meu primeiro beijo de verdade, no meio da rua, com as pessoas passando? Todo mundo olhando? Queria que fosse romântico. Especial! Nem conseguia decidir se queria ou não o Marcelo. Quis ganhar tempo. Falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Não posso namorar você.

Ele quase ganiu.

— Por quê, Raquel? Por quê? Eu... eu...

Dei a tacada final.

— Não nos conhecemos. Não sei nada sobre você. Sua vida. Você é superlegal, bom sujeito. Amigo! Mas... é tão cheio de mistérios. Já notou que nunca fala de você?

—Eu? Eu? Eu falo tudo de mim, Raquel.

— Você nunca me conta nada.

— O que você quer saber? Diga, eu falo.

Minhas ideias ficaram claras. Havia uma barreira, entre eu e ele. Quem era o Marcelo, afinal? Nunca, eu tinha entrado na casa dele. Nem ninguém da classe. Nem em um momento de necessidade, como no almoço do pedágio.

— Eu não entendo o mistério que você faz com sua casa.

A resposta foi totalmente inesperada.

— Eu não tenho casa, Raquel.

— Que loucura é essa, Marcelo? Claro que você tem casa. Eu vejo quando você vai pra lá.

— Minha mãe é doméstica. Trabalha naquela casa. A gente mora num quartinho.

Contou a história, tropeçando nas palavras. A mãe trabalhava na casa há anos. Conseguira o emprego quando o Marcelo era pequeno. O patrão, um viúvo aposentado, prometera dar educação para o filho dela. Até a faculdade. Tinham sido anos calmos. Mas também difíceis. O patrão era generoso. Tinha cumprido a promessa. Nunca faltou dinheiro para livros, uniforme.

— Mas você não sabe o que é ser filho da empregada, Raquel. Eu e minha mãe espremidos naquele quartinho. Sem lugar para estudar direito. E também, eu sempre ajudei nas coisas mais difíceis. Passar aspirador. Lavar louça.

É por isso que ele lavava tão bem!

— E seu pai, Marcelo?

Abaixou os olhos.

— Nunca conheci.

O patrão era boa pessoa. Marcelo fazia tudo por ele. Ajudava o tal senhor, já um tanto velho, a tomar banho, a se vestir. Conversavam. Mas Marcelo vivia preocupado.

— E se acontecer alguma coisa com ele, para onde vamos? Minha mãe também já está ficando com idade. Logo logo, vou ter que arrumar um emprego!

Tentei entender:

— Por que nunca me contou?

Foi sincero, de uma maneira que até me doeu no coração.

— Tinha vergonha. Nosso colégio não é de gente rica. Mas todo mundo tem mais grana que eu. Você sabe o que é economizar centavos para pagar um hambúrguer na lanchonete? Não ter nada de meu?

Se eu fosse realmente romântica, teria me atirado nos braços dele. Mas fiquei furiosa. A cabeça dele estava cheia de bobagens, isso sim! No fundo, ele é que tinha preconceito contra a própria mãe, por ser empregada. Gritei:

— Não quero namorar você. Nunca!

Ficou parado. Eu andava depressa. Se me amasse de verdade, viria atrás, correndo. Ou não? Decididamente, nem eu nem ele fazíamos o tipo romântico. Fui embora. Entrei no quarto, chorando. Mamãe correu atrás:

— Que foi, Raquel? Olha o escândalo! Hoje a gente tem visita pro jantar.

— O Marcelo quer namorar comigo.

Ela pensou. E veio com palpite.

— Mas você não prefere o Joca? Tão charmoso!

— Não, mamãe. Eu gosto do Joca, mas como amigo. Eu...

O sentimento me iluminou, eliminando as dúvidas, as sombras do meu coração.

— Mãe... é que eu só consigo pensar... e amar... o Nel! Eu não consigo pensar em outra coisa, mamãe, só no quanto ele está doente. No quanto eu queria abraçá-lo. Protegê-lo! Impedir que sofra tanto!

Chorei. Deixei as lágrimas correrem à vontade, abraçada com a minha mãe. Ela me acariciou a cabeça. De tanto amor, sua voz se tornou dolorida.

— Ah, filhinha, sinto tanto! Você está aprendendo a viver da forma mais difícil! Chore, chore!

Abraçada com ela, deixei o sentimento vazar. Amava tanto o Nel, tanto! Ia perdê-lo para sempre. Em breve seria o adeus. Ele iria embora desse mundo!

Eu nunca conseguira dizer tudo para ele. Nunca. Mas ele precisava saber!



## 9. Amor nuvem

Mal dormi. De manhã, era como se tivesse um punhal enfiado no peito. Assim que pude, fui para a casa de Nel. Mal cheguei, dona Berta me abraçou, em lágrimas.

— Foi levado para o hospital.

Dessa vez, havia se lembrado de marcar o endereço em um papel. Era longe. Peguei várias conduções. Cheguei em um edifício velho, cinzento. Hospital público. No saguão, encontrei dona Mariana.

— Ele não dormiu a noite toda — explicou ela. — Tossiu sem parar. Não falava coisa com coisa. Está no pronto-socorro, esperando uma vaga para internação.

Com jeitinho e muito faz-favor daqui e dali, cheguei até o Nel. Estava deitado. Ausente. No ar, havia aquele cheiro de remédio que torna os hospitais mais tristes. As paredes sem pintura há muito tempo. Eu me aproximei. Ele estava com soro na veia. Magro e acabado. Mesmo assim eu vi, através dos traços abatidos, o meu amigo. Meu amigo, que eu amava tanto! Senti uma vontade enorme de chorar. Fui até ele. Toquei sua mão. Abriu os olhos. Esboçou um sorriso. Comecei a falar. A dizer tudo, de chofre:

— Eu amo você, Nel. Tanto, tanto! Durante todo esse tempo, achei que a gente era só amigo. Eu... eu tinha medo de gostar tanto de você! Mas agora eu sei... é amor, amor de verdade!

Sorriu. Falou lentamente, as palavras vencendo o cansaço. Mas disse coisas incríveis.

— Também amo você, Raquel. Quem sabe, se a gente tivesse aberto os olhos...

Eu o encarei.

— Tudo poderia ter sido diferente, não é? Tudo... até mesmo... quem sabe... foi isso, não foi? Você encontrou alguém... você se apaixonou... e ficou doente. Mas se tivesse se apaixonado por mim... talvez estivesse bem! Talvez... talvez a gente estivesse pensando no futuro.

Ele fez que sim.

— Mas eu me apaixonei por outra pessoa, Raquel. E sabe... apesar de toda a dor, de todo o sofrimento... não me arrependo. Porque eu... eu amei de verdade. O que aconteceu, foi uma fatalidade. Se eu tivesse me prevenido... tomado todos os cuidados... estaria bem, agora.

Mais triste do que nunca, encontrou forças para sorrir:

— A culpa não é do amor, Raquel. Todos nós temos o direito de amar. A culpa foi porque eu não tinha informação. Porque pensei que nunca iria acontecer comigo, justo comigo! Ou com quem eu amava!

Estava tão lúcido! Suas palavras caíam sobre meu coração, e me davam uma paz cada vez maior.

— O amor é o amor, Raquel. A gente tem muitas maneiras de amar. Bobagem dizer que só existe o amor dos apaixonados. Ou o amor dos amigos e o amor da família. O amor tem tantos tons, tantos matizes, como as cores. Mas é amor, e vale!

Tossiu. Longamente. Parecia que a vida ia embora em cada tossida! Esperei. Era tão importante! Precisava ouvir tudo que ele tinha a dizer.

— Você acha que está apaixonada por mim. Mas nós sempre nos amamos... de um jeito diferente! O amor que a gente sentiu um pelo outro era como uma nuvem.... grande... volumosa... mas que pode tomar muitas formas. A gente podia, talvez, ter sido apaixonado... Mas o nosso amor nuvem tomou a forma de amizade. E foi bonito, também!

Uma enfermeira se aproximou. Tocou no meu ombro, avisando.

— Você não pode ficar aqui. O paciente vai ser transferido para o quarto.

Fiquei aterrorizada. Não queria sair de perto dele, nunca mais. Nel sorriu de novo, apesar da dificuldade.

— A vida continua, Raquel. Eu sempre... sempre amei você, do meu jeito.

— E eu... eu também sempre vou amar você, Nel! Sempre! Sempre!

— Você vai lembrar do nosso amor nuvem!? Promete?

Chorei, mas consegui dizer mesmo sufocada pelas lágrimas.

— Prometo, prometo! Mas não vá embora, Nel! Não vá embora! Fique!

Ai, ele disse a coisa mais linda.

— Raquel, eu vou ser nuvem. Seja amor.

Os enfermeiros foram se afastando com a maca. Tive certeza de que nunca mais falaria com ele.

Passei o dia no hospital com dona Mariana. As visitas só eram permitidas durante uma hora. Compramos fichas e telefonamos para o emprego dela, avisar que não podia ir. A certa altura, foi falar com o médico. Voltou com os olhos vermelhos:

Quando chegou a hora da visita, ele não podia falar. Tinha um tubo na boca, para ajudar na respiração. Dona Mariana chorou. Eu o abracei. Mais tarde, minha mãe veio me buscar.

— Você tem que ir descansar, Raquel.

Voltei para o apartamento. Deitei, mas fiquei de olhos abertos. Esperando, esperando! No meio da noite, o interfone tocou. Pulei da cama com uma sensação horrível. Ouvi meu pai atender. Em seguida, seus passos, vindo em direção ao meu quarto. Queria voltar para a cama. Fechar os olhos. Dormir! Não queria ouvir o que ele vinha me dizer, não queria! Continuei de pé, esperando, esperando! A porta se abriu. A silhueta de meu pai surgiu no umbral. E eu soube, sem que dissesse coisa alguma.

— O Nel foi embora, Raquel. Para sempre.

Nós nos abraçamos. Chorei, chorei, chorei! Só então eu vi, na luz do corredor, a figura do Marcelo. Estava lá, as mãos caídas ao longo do corpo.

— A família dele me avisou. Lembrei que você não tinha telefone, Raquel.

Fiz que sim, chorando. Fui me vestir. Papai sabia o quanto estar junto do Nel pela última vez era importante para mim, e nos levou de carro. Fomos para o velório.

Durante toda a noite, e mesmo no dia seguinte, eu e Marcelo não trocamos mais que algumas palavras. Ele me apoiou, de leve, quando seguimos o caixão fechado. Em casos de aids a pessoa é enterrada em caixão lacrado. Dei o adeus final, atirando uma flor e um montinho de terra.

De tão esgotada, não podia fazer mais nada. Nem falar nem chorar. Peguei um táxi com o dinheiro que papai me deixou — uma extravagância na nossa situação financeira — e voltei para meu quarto. Fiquei dois dias sem ir à escola.

Quando cheguei, Marcelo me procurou. Tinha um recado de dona Mariana. Queria nos ver. Fomos juntos, com o mesmo sentimento de dor. Às vezes ele me olhava, magoado pelo meu silêncio. Mas eu não conseguia conversar.

Dona Mariana queria nos presentear com algumas lembranças do Nel. Ganhei uma foto, um chaveiro e uma gôndola de metal, que tocava música. (Uma lembrança da Itália que ele ganhara no aniversário. Adorava a música da gôndola e até agora, quando eu ouço, lembro dele!) Marcelo recebeu um suéter cor de mel, um carrinho verde, antigo, com todas as peças conservadas — uma antiguidade, que fora do pai de Nel. Escolhemos também alguns livros. Dona Mariana, muito abatida, disse que iria mudar de lá. Viver com a mãe. Nós nos abraçamos. Prometi visitá-la sempre.

Andamos, eu e o Marcelo. Tudo parecia vazio. Ter estado na casa do Nel tinha ampliado a sensação de ausência. Porque ele não estava lá, e a falta de sua presença acentuava a sensação de que nunca mais o veria. Paramos na esquina, perto da casa de Marcelo.

Ele me encarou, com ar sofrido. Senti que ia se despedir. Então, eu compreendi. Se me despedisse, talvez nunca mais voltássemos a ter aquela proximidade de antes. Como se estivesse baixando a cortina no final de uma peça de teatro. Tudo que a gente tinha vivido, toda a dor e todo o sentimento, seria passado. Seria deixado para trás. Simplesmente porque eu era tímida, e tinha vergonha de

expressar meus sentimentos. No entanto, eu precisava dele. Ah, como precisava dele! Tomei coragem.

— Espere, Marcelo.

— Que foi?

Falei depressa. Pus tudo pra fora, engasguei com as palavras. Expliquei que, se ele tinha a impressão de que eu estava chocada por ele ser filho de uma empregada doméstica, era bobagem. Pelo contrário, achava bonito ver o quanto ele estudava para ter uma chance. Na verdade, meus pais também sofriam com dificuldades. E certas pessoas, que se exibem tanto, às vezes têm menos ainda. Como a família da Cíntia, que mora em um quarto e sala: pai, mãe e quatro filhos.

— Não é vergonha ser pobre!

Continuei. Em um país como o nosso, com tanto descendente de imigrante, tanta gente que larga sua casa e sua terra para tentar a vida em outro lugar, todas as famílias têm sua parcela de lavradores, escravos, gente sem nada de seu. Entendia que ele ficasse constrangido em dizer que não tinha casa. Mas mesmo assim tinha sorte, porque a maioria absoluta dos filhos de empregada não tem quem os ajude. Quem pense em seu futuro ou acene com uma escola.

— Então... por que você me tratou daquele jeito, Raquel?

Disse a verdade.

— Eu não tinha espaço para mais ninguém no meu coração. Só para o Nel. Para a doença do Nel. Para chorar por ele.

Tive consciência. Eu estava errada! Amar é saber amar ao próximo. Mas também a gente mesma. Não diz a Bíblia? A gente deve amar o próximo tanto quanto a si próprio. O amor exige que se pense no outro, mas na gente também. Agora, eu tinha entendido o quanto o Nel tinha sido generoso ao dizer que a vida continua. Eu estava viva, e devia continuar!

Precisava compartilhar todas as coisas bonitas que tinha descoberto ao lado do Nel, do Marcelo, do Joca, da dona Mariana, de meus pais, professores e amigos. Nós tínhamos formado uma corrente de vida. Uma corrente de amor. Um sentimento tão bonito deve criar raízes e continuar pela vida inteira!



Olhei para o céu. Vi uma nuvem enorme. Lembrei do Nel. De nosso amor nuvem. Senti que ele estaria sempre junto de mim. Os sentimentos lindos que ele me fizera descobrir continuariam crescendo, como sementes que germinam, plantas que florescem, árvores que dão frutos.

Meus olhos se cruzaram com os de Marcelo. Havia muita coisa a explicar, muitas palavras que não haviam sido ditas! O mais importante, porém, é que a gente tinha descoberto o amor. Sim, o amor nuvem! Mas com ele, esse amor estava tomando uma forma apaixonada. Eu me aproximei. Seu rosto também estava próximo ao meu. Ergui meu queixo e sorri. Ofereci meus lábios, com todo o sentimento do meu coração.

## AUTOR E OBRA

Tudo que está narrado no livro é verdade, embora nada tenha acontecido dessa maneira. Fui jornalista. Entrevistei médicos, usando minha experiência de repórter. Aprendi muito sobre a doença e o que acontece nessa terrível enfermidade. Todo esse conhecimento se revelou pequeno quando passei a conviver, de perto, com um amigo muito querido e doente.

Foram meses difíceis, onde pude sentir de perto como a solidão de um paciente terminal é terrível. Não se trata só da aids. Todas as doenças fatais provocam o mesmo desespero, a sensação de abandono, a dor. O problema mais difícil da aids é que, muitas vezes, é tratada como fofoca. As pessoas ficam mais curiosas em saber como o doente foi contagiado do que se preocupam em ajudar de alguma forma. Também há falta de informação. Há o medo de se aproximar do paciente, de tocá-lo, mesmo sabendo que a doença não se transmite dessa maneira.

O dinheiro, a não ser para os muito ricos, é uma questão crucial. Existem medicamentos caros, as internações em hospitais particulares ficam fora de questão, tal os valores envolvidos. Muitos hospitais públicos não têm vaga. Além de todos os problemas de uma enfermidade fatal, a doença torna-se também uma questão social, onde o paciente muitas vezes se vê acuado, sem saída.

Nos últimos anos, surgiram vários tratamentos, como o conjunto de medicamentos que mantém o portador de vírus saudável, sem que a doença propriamente dita apareça. O governo também tem feito um trabalho reconhecido em todo o mundo, de prevenção e de fornecimento dos medicamentos fundamentais aos portadores. Mesmo assim, a doença continua avançando. Em outros lugares, como a África, é uma tragédia de proporções gigantescas. Aqui também faz vítimas.

Muitas pessoas não acreditam que é necessário tomar cuidados, porque acham que isso nunca aconteceria com elas. Confiam em

parceiros, fazem sexo sem segurança. Outras, viciadas, compartilham seringas. Pior ainda, pessoas contaminadas continuam tendo relações sem cuidados. E, muitas vezes, não seguem o tratamento, o que faz com que a doença vá explodir um dia, terrível. Muitas vezes, sem condição de controle. Sei que é difícil tomar cuidados com uma pessoa pela qual se está apaixonado. Mas é fundamental.

Atualizei o livro entrevistando médicos sobre o que acontece hoje. A doença que ataca Nel, quando fica com o sistema imunológico enfraquecido, existe sim. Faço referência a remédios, a tratamentos surgidos recentemente.

Mas o principal continua intocado. Diante de tanta dor, percebi que há um remédio que todos nós podemos oferecer. É o amor incondicional. Aproximar-se de um paciente, fazer um cafuné, oferecer a amizade, é fundamental. Faz um bem incrível! Ajuda a vencer a tristeza. A enfrentar a difícil batalha. É uma experiência que também nos torna melhores. Aprendi muito com a doença. Apesar de tanta tristeza, foi uma experiência que só enriqueceu minha vida.

Nem todos os pacientes são calmos, tranquilos e filosóficos como o Nel. Não importa. A questão é nossa atitude interna. A capacidade de ajudar o próximo. De formar uma cintilante corrente da vida!

*Walcyrr Carrasco*

## DADOS DO AUTOR

Walcyrr Carrasco nasceu em 1951, no interior de São Paulo. É formado em jornalismo. Escreveu vários livros infanto-juvenis, muitos com assuntos polêmicos, como *Irmão Negro*, que aborda o preconceito racial, *Estrelas Tortas*, que fala de uma garota que se torna paraplégica e *O Anjo Linguarudo*, sobre o difícil tema do dedo-duro. Autor de várias peças teatrais, como a premiada *Êxtase*, é também roteirista de televisão. Entre suas novelas, destacam-se *Xica da Silva*, *A Padroeira*, e *O Cravo e a Rosa*. Também contribuiu para a adaptação de *O Sítio do Picapau Amarelo* para a Rede Globo de Televisão.



*A Neuferson, Neusa, Clô, Guido,  
Maria Augusta e Tintin, e a todos que  
hoje dependem de nosso abraço.*

Toque aqui para  
voltar à prateleira

**Literatura**  
 **Moderna**

© Walcyr Carrasco

1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07749-5

Ilustrações: Eduardo Albini

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

[www.modernaliteratura.com.br](http://www.modernaliteratura.com.br)

DE ACORDO COM  
AS  
NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Carrasco, Walcyr  
A corrente da vida [livro eletrônico] / Walcyr  
Carrasco ; ilustração Eduardo Albini. -- São Paulo :  
Moderna, 2012. -- (Coleção veredas)  
500 Kb ; ePUB

ISBN 978-85-16-07749-5

1. Literatura infantojuvenil I. Albini, Eduardo.  
II. Título. III. Série.

12-01631

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5